

CAPÍTULO IV

OS JOVENS EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR: O CASO DO MOVIMENTO ESCUTISTA

1. A Organização Mundial do Movimento Escutista
2. Baden-Powell e a fundação do escutismo
3. Os *Caminheiros* do Corpo Nacional de Escutas
4. O *Rover2001* como contexto de administração do inquérito por questionário
5. Caracterização social dos escuteiros inquiridos
6. Experienciação do modelo escutista: sentidos, representações e práticas
7. Representações sociais dos caminheiros
 - 7.1. A importância do escutismo no desenvolvimento educativo e formativo dos jovens
 - 7.2. A escola e o escutismo
 - 7.3. O trabalho e o emprego
 - 7.4. O processo de globalização
 - 7.5. A juventude e as imagens juvenis
 - 7.6. Atitudes face à religião
8. Os sentidos das práticas dos caminheiros

*Welcome my son, welcome to the machine
Where have you been?
It's alright we know where you've been
You've been in the pipeline, filling in time,
provided with toys and Scouting for Boys
You bought a guitar to punish your ma,
And you didn't like school,
and you know you're nobody's fool
So welcome to the machine*

Pink Floyd, *Wish You Were Here*, 1975

Impõe-se que façamos uma breve abordagem ao Movimento Escutista, não só para situar o leitor sobre as razões que nos levaram a eleger-lo como objecto empírico, mas igualmente para se compreender a sua importância no quadro mais vasto das orientações seguidas nesta dissertação. Para além destas razões, não deixa de constituir também uma oportunidade de nos questionarmos sobre o desinteresse investigativo a que tem sido votado o escutismo entre nós, contrariamente a alguma regularidade de produção académica que se vem observando noutros

países europeus.¹ Dado estarmos em presença de um movimento organizado à escala mundial — The World Organization of the Scout Movement (WOSM); Organização Mundial do Movimento Escutista (OMME), na tradução portuguesa —, a nossa atenção revestir-se-á inicialmente de contornos de tipo mais macro-analítico, procurando com esta *démarche* extrair alguns dos traços mais marcantes da sua actual configuração, nomeadamente no que concerne à matriz axiológica e fundacional do escutismo, à sua especificidade educativa e à sua implantação a nível global. Antes de nos dedicarmos ao nosso objecto empírico, situado no plano de análise nacional, é nossa intenção percorrermos algumas das linhas mais significativas do pensamento do fundador do escutismo: Robert Baden-Powel (1857-1941).

1. A Organização Mundial do Movimento Escutista

A perplexidade que atrás manifestámos quanto à pouca atenção que as ciências sociais e as ciências da educação tem dedicado ao fenómeno escutista tende a ganhar consistência, na medida em que a observação atenta deste suporte imagético (Figura IV.1) e a sua imediata familiaridade com o tradicional planisfério desafia-nos, por conseguinte, à tentativa de descoberta dos lugares aonde o movimento escutista ainda não logrou implantar-se.

¹ Para exemplificar o que acabamos de referir, numa das muitas pesquisas que efectuámos com recurso à *internet* tivemos acesso a uma página (www.histoire.du.scoutisme.com) relativa à realidade francesa, tendo nós constatado, em Outubro de 2001, a classificação de mais de 150 trabalhos universitários consagrados ao escutismo, 52 registados no período de 1991-1996 e 37 produzidos entre 1997-2001. Igualmente pertinentes do ponto de vista da investigação e com respeito ao contexto espanhol, destacamos, entre outros, a tese de doutoramento de Puig Nebot (1998), intitulada *Análisis experimental de una situación educativa no formal: el Movimiento Scout de Valencia*, e as actas das *I Jornadas Andaluzas Universitarias de Pedagogía Scout*, publicadas sob a coordenação de Ortega Carrilho (1998).

Figura IV.1

Países e Territórios aonde o Escutismo está implantado, por região escutista



Fonte: Figura retirada do site oficial da WOSM (www.scout.org).

E se do ponto de vista meramente geográfico não restam dúvidas quanto à natureza global do movimento², marcando presença em 216 países e territórios, no que toca à sua expressão quantitativa há a assinalar os mais de 28 milhões de membros (crianças, jovens e adultos, de ambos os sexos) espalhados pelos mais variados recantos do mundo, independentemente da raça, da religião, do nível de desenvolvimento sócio-económico do país e de outras especificidades de cariz social e cultural. De igual modo significativa, numa altura em que o escutismo se prepara para

2

Efectivamente, de acordo com o site da WOSM (www.scout.org), em Abril de 2004 existiam "153 países com organizações nacionais escutistas internacionalmente reconhecidas"; "26 territórios (*main territories*) onde o escutismo existe, frequentemente como filiais ultramarinas de organizações escutistas"; "37 países onde o escutismo existe (sob a forma embrionária ou difusa) não existindo uma organização nacional escutista como membro da WOSM"; e finalmente constatava-se que só existiam 6 países no mundo sem escutismo (*Andorra, People's Republic of China, Cuba, Democratic People's Republic of Korea, Lao People's Democratic Republic, Myanmar*).

comemorar o centenário (1907-2007), é a estimativa que aponta para cerca de 500 milhões de jovens que ao longo deste período estiveram envolvidos no movimento³, o que do ponto de vista educativo, como veremos a seguir, constitui um facto digno de realce atendendo a que, dentro dos propósitos do fundador, "the aim of the Boy Scout Movement is to make good citizens" (Baden-Powell, 1929: 67). Por isso, não raras vezes se reconhece que o movimento, tal como o fez Frederico Mayor, Director-Geral da UNESCO,

"constitue l'un des plus grands réseaux multiculturels et multiconfessionnels pour l'éducation et l'action auprès des jeunes dans la mise en oeuvre d'une culture de la paix, de la tolérance et de la solidarité. Ce caractère international et cette vocation d'éducation à la paix correspondent parfaitement à l'optique des programmes de l'UNESCO".⁴

Do ponto de vista organizativo, o movimento é coordenado a nível internacional pela Conferência Mundial (órgão máximo, que reúne de 3 em 3 anos com a presença de todos os seus membros — leia-se organizações nacionais), pelo Comité Mundial (órgão executivo, composto por 12 membros eleitos democraticamente na Conferência Mundial) e pelo Bureau Mundial (o secretariado do movimento, com sede em Genebra e apoiado por cinco bureaux regionais — Costa Rica, Egipto, Quénia, Filipinas e Suíça). O funcionamento articulado destes três órgãos, sob a vigência de uma

³ Cf. novamente a página da WOSM, nomeadamente na secção destinada à preparação dos 100 anos do escutismo ("A century of Scouting"). Tal informação é igualmente revelada no primeiro parágrafo da obra de Tim Jeal (2001: v), para muito considerada a obra mais importante sobre a figura de Baden-Powell e do escutismo: "Since its inception in 1907, Baden-Powell's Scout and Guide Movements have attracted approximately 550,000,000 members (including four million who are Scouts in America today)". Se quanto à estimativa os números parecem semelhantes, no entanto, segundo os dados da WOSM os efectivos nos Estados Unidos da América já tinham ultrapassado os 6 milhões no ano 2000, cifrando-se na actualidade nos 6,239,435 de escuteiros.

⁴ Discurso de Frederico Mayor na Conferência Europeia do Guidismo e do Escutismo: "Guidismo e escutismo, uma cultura da paz", proferido em Salzburgo, em 5 de Abril de 1995 (cf. site da UNESCO, o documento DG/95/12; original: francês).

Constituição, procura sedimentar os traços fundacionais do movimento, como uma organização independente, não política e não governamental, "dentro de um espírito de cooperação, de amizade e de fraternidade mundiais".⁵ Será, portanto, dentro de uma grande diversidade cultural, social, política, económica, das organizações nacionais-membro que a OMME se constitui como o garante da unidade do movimento (cf. Bureau Mundial, 1999: 3). No fundo, umas das especificidades do escutismo e que permitiu, porventura, a sua expansão bem sucedida a nível planetário foi a sua capacidade para se adaptar aos vários contextos e situações nacionais e/ou territoriais, mas sem descaracterizar o modelo idealizado pelo fundador. Aliás, como referiu Baden-Powell (1929: 38), "the great principle of organisation in the Movement is decentralisation and delegation of responsibility". Após ilustrar a orgânica na Grã Bretanha, nos vários países e em cada província/condado (*county*) e se referir à grande margem de autonomia que dispunham as associações locais, este autor concluiu: "so that the Scoutmaster is never without help or backing" (Ibid.)⁶.

O facto de esta organização se proclamar como não política e tendo nós desde o início deste trabalho vindo a salientar o seu carácter educativo, não significa, porém, que entremos em contradição com o que atrás igualmente sublinhámos em Paulo Freire, nomeadamente de que todo o acto educativo é sempre um acto político. Pelo contrário, do pensamento de Baden-Powell transparece uma forte consciência social, não sendo o fundador do escutismo "indifferent to the well-being of the working-class boys

5 Cf. o preâmbulo *Constituição da Organização Mundial do Movimento Escutista*, Lisboa: edições do Corpo Nacional de Escutas / Escutismo Católico Português (s/d). Refira-se que esta Constituição vem datada de Julho de 1983 (com reimpressão em 1990) na versão francesa publicada pelo Bureau Mundial.

6 A este propósito Baden-Powell (1976: 18) refere também: "felizmente, por meio da descentralização e concessão de plena liberdade às autoridades locais, evitam-se, na nossa Obra, muitas formalidades burocráticas que têm sido a causa de irritação e queixas em muitas outras organizações".

he hope to attract into the Scouts" (Jeal, 2001: 412)⁷. De forma explícita é o próprio Baden-Powell (1929: 38) a clarificar a dimensão (não) política do movimento:

"The Movement is non-military, non-political, non-sectarian, non-class. Our desire is to help the boy — and mainly the poor boy — to get the fair chance, which in the past has too often been denied him, of becoming a self-respecting, happy and successful citizen, imbued with an ideal of service for others".

Insistindo na dilucidação do apregoado carácter não-político do movimento, volvidos 70 anos sobre este texto de Baden-Powell uma publicação da responsabilidade do Bureau Mundial (1999: 5) colocava pedagogicamente a questão nestes termos:

"Dire que le Scoutisme est non-politique signifie qu'il ne participe pas à la lutte pour le pouvoir, domaine des parties politiques. Toutefois, l'éducation scoutie a bien pour but d'aider les jeunes à devenir des membres responsables et constructifs de la société. Ceci ne peut pas se faire en étant totalement coupé du monde et de ses réalités sociopolitiques".

Assim, ressalta em ambos os excertos a preocupação do movimento em contribuir para a construção da subjectividade e da autonomia das

⁷ Na sequência desta frase, Tim Jeal faz uma referência, em nota de rodapé, a estudo publicado em 1971, de onde deduz que "The Scouts would however remain predominantly middle- and lower-middle class". Na mesma obra de Jeal recuperam-se alguns excertos de um discurso de Baden-Powell em Waldorf Astoria (23 de Setembro de 1910), possibilitando a seguinte leitura daquele autor: "Certainly when Baden-Powell decided in 1910 that 'the most important work that the Scout Movement can do lies in getting hold of the vast hordes of slum boys in the great industrial centres of the North Midlands', his prime motivation was to help them make something of themselves rather than to turn them into 'bricks in the wall' (Jeal, 2001: 413; aspas no original). Ainda que Baden-Powell tenha pensado o escutismo tendo em vista as classes média e baixa, estudos recentes sobre a história do movimento tendem a apontar que antes da Primeira Guerra Mundial as origens sociais dos escuteiros eram fundamentalmente de classe média e não propriamente das classes trabalhadoras. Cf. Pryke (2001) e também Springhall (1977).

crianças e dos jovens (e também dos adultos), ao permitir que estes partam para a descoberta dos sentidos do quotidiano através de um campo de possibilidades inscrito na matriz axiológica e educativa do escutismo e ao preconizar o envolvimento activo e responsável nas várias esferas da sociedade como dimensão significativa no desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos.

2. Baden-Powell e a fundação do escutismo

Quando no verão de 1907 Baden-Powell organizou e dirigiu um acampamento experimental na Ilha de Brownsea (de 15 de Julho a 9 de Agosto), com a presença de 20 rapazes de várias proveniências sociais e onde pôs à prova as suas ideias educacionais, certamente estaria longe de imaginar que esta experiência viesse a constituir um marco fundacional de um movimento que nos tempos subsequentes se desenvolveu em grande escala. Não foi propriamente o impacto na opinião pública deste acampamento bem sucedido que despoletou o nascimento do escutismo, mas fundamentalmente a publicação, em Janeiro de 1908, de uma obra intitulada *Scouting for Boys*, inicialmente dada à estampa em seis fascículos quinzenais, mas prontamente republicada (em Maio do mesmo ano), sob a forma de livro, atendendo as suas extraordinárias vendas e aos efeitos multiplicadores que propostas de Baden-Powell tinham gerado entre os jovens.⁸ Esta obra beneficiou em larga medida do prestígio militar de Baden-

⁸ Recorrendo ao já citado trabalho de Jeal (2001: 629), este autor na nota 15 do capítulo X refere o seguinte: "BP [Baden-Powell] in 1909 Diary, on preliminary pages, list his 1908 achievements as including 4 eds of *Scouting for Boys*. R. Brandon of Pearson's writing to R. Hazelwood 31 Dec. 1954 admits no sales has survived. When Pearson's (14 Feb. 1957) created a news event by presenting BP's grandson with the 'millionth copy', their figure was probably an immense underestimate" (aspas no original). Sintetizando o êxito editorial dessa obra, Tim Jeal conclui que "twenty years after its publication in Great Britain, the book was print in 26 countries (not counting all those within the British Empire) in roughly twice that many editions. *Scouting for the Boys* has probably sold more copies than other title during the twentieth century with exception of the Bible" (p. 396).

Powell no Império Britânico (o fundador do escutismo era general), nomeadamente pelo êxito recente de uma campanha militar na África do Sul (a guerra contra os Boers, nomeadamente o cerco de Mafeking, que durou de Outubro de 1899 a Maio de 1900), cuja vitória o catapultou para as páginas dos jornais e lhe conferiu, inclusive, uma aura de herói nacional. Foi justamente neste cenário de conflito que ele se apercebeu da pertinência das propostas contidas num livro seu publicado em 1899, destinado aos soldados e intitulado *Aids to Scouting for N.C.Os & Men*⁹ (Subsídios para a Exploração), ao observar a destreza e o sentido de responsabilidade denotados pelos rapazes (dos 9 anos em diante) daquela cidade sitiada, já que esse livro tinha servido de inspiração a um dos seus adjuntos para formar com aqueles um *corpo de cadetes* investidos nas funções de mensageiros. A importância da descoberta da validade educativa daquelas propostas, ainda mais quando observadas num cenário extremo de guerra e adaptadas à especificidade juvenil, constituiu doravante uma experiência que marcou decisivamente o seu pensamento e desenvolvida posteriormente como um dos fundamentos do escutismo. A propósito desta experiência Baden-Powell (1937) referir-se-á mais tarde nestes termos:

"in the book to show the value of observation and deduction.
When we were besieged at Mafeking, in 1900, my Chief Staff
Officer, Lord Edward Cecil, got together boys in the place and

9

Como referiu posteriormente Baden-Powell, numa entrevista publicada na "*Listener*" Magazine, em 1937, (cf. www.pinetreeweb.com/bp-listener.htm) o livro tinha objectivos claros: "In 1899 I wrote a little book called '*Aids to Scouting*' for soldiers. It taught them observation, or how to track, and it taught them deduction, or how to read the information given by tracks". A propósito deste trabalho de Baden-Powell, numa biografia já clássica do fundador, Robert Bastin (1980: 153) faz alusão ao inesperado êxito editorial deste livro [que parece ter vendido mais de 100 mil cópias, segundo Jeal (2001: 362)] e releva a sua importância para a génese do movimento escutista: "primeiro por causa da novidade das suas fórmulas, da audácia das suas concepções que revolucionaram o treino militar; graças também ao excelente momento em que este manual apareceu nas livrarias. Enviado para Inglaterra em 1899, o livro foi lançado no mercado durante a guerra dos Boers, quando toda a Inglaterra falava do herói de Mafeking. A preço módico, novo e cheio de sugestões originais, este manual do franco-atirador rapidamente ultrapassou o quadro para que fora concebido. Os meios militares estrangeiros logo se serviram dele. Os responsáveis pelo ensino interessaram-se por ele e depressa os rapazes o adoptaram. A semente estava lançada. Dela saíra o Escutismo".

made them into a cadet corps for carrying orders and messages and acting as orderlies and so on, in place of the soldiers, who were thus released to go and strengthen the firing line. We then made the discovery that boys, when trusted and relied on, were just as capable and reliable as men" (cf. www.pinetreeweb.com).

O impacto do *Aids to Scouting* estende-se para além da instituição castrense, chegando inclusive às escolas e às organizações juvenis (cf. Bastin, 1980). Uma destas organizações juvenis, as "Boys Brigades", prefiguraram-se inicialmente como uma das destinárias das propostas de Baden-Powell, mas o excessivo pendor militarista dos seus métodos acabam por se tornar um ónus ao desenvolvimento desta provável relação. Segundo Bastin (1980: 189), apesar de impressionado com o vigor daquelas brigadas, após ter assistido a uma das suas reuniões em 1903, Baden-Powell ter-se-á mostrado relutante quanto ao não aproveitamento da alegria e da espontaneidade juvenis, pelo que foi convidado pelo fundador daquela organização juvenil a proceder a uma adaptação do *Aids to Scouting* tendo em conta aqueles jovens (cf. igualmente Jeal, 2001). A resposta a este desafio é impressa na revista daquela organização juvenil, *Boys' Brigade Gazzette*, de 1 de Junho de 1904, constituindo para alguns autores um esboço preliminar da metodologia escutista, pois, tal como sublinha Jeal (2001: 362) "it is significant that in his very first reference to 'scout training' for boys, Baden-Powell did not mention military aims" (aspas no original). Como escreveu o fundador do escutismo nesse artigo (citado por Jeal, 2001: 362):

"Something might, I think, also be done towards developing the Boy's mind by increasing his powers of observation, and teaching him to notice details. I believe that if some form of scout training could be devised in the Brigade it would be very popular, and could do a great amount of good. Preliminary training in this line might include practice in noting and remembering details of strangers; contents of shop windows, appearance of new streets, etc. The results would not only sharpen the wits of the Boy, but would also

make him quick to read character and feelings, and thus help him to be a better sympathiser with his fellow-men".

Quando apareceu a obra *Scouting for Boys*, após o campo experimental de Brownsea e de Baden-Powell ter produzido mais de cinquenta "public lectures on his Boy Scouts' scheme" (Jeal, 2001: 390), entre Novembro de 1907 e Fevereiro de 1908, na sua retaguarda surgia também todo este percurso de observação, análise e compreensão das especificidades dos jovens nos diversos contextos sociais de então. O sucesso editorial desta obra e que se traduziu na organização espontânea de grupos de jovens que prontamente se autodenominaram de *Scouts*, assentou, por assim dizer, numa mensagem fortemente enraizada no imaginário juvenil; e o facto de o escutismo se instituir como *efeito não previsto* desta publicação, não só vem revelar o carácter inovador das propostas de Baden-Powell, ao proporcionar aos rapazes (e às raparigas posteriormente, 1909) uma oportunidade de se desenvolverem como cidadãos responsáveis na acção e pela acção, como igualmente vem sublinhar a possibilidade dos jovens também se poderem transformar em sujeitos da sua própria educação. Poder-se-ia ainda dizer, segundo a interpretação de Jeal (2001: 390), que a própria capa do primeiro fascículo do *Scouting for Boys* — apesar de não ser desenhada por Baden-Powell, não obstante este ser um excelente ilustrador — era por si só reveladora quanto ao significado (educativo) de um rapaz se tornar um *Scout*. Assim, na capa

"He [John Hassall] had drawn a boy hiding behind a rock with his Scout staff and Stetson hat intently observing a distant party of smugglers landing from a mysterious ship. The implication was clear: by becoming a Scout a boy would not only read about adventures but would live them too".

O mote para o prefácio ao primeiro Scout Handbook deste livro, foi a preocupação de Baden-Powell em tentar compreender porque razão os mais entusiastas consideravam o escutismo uma "revolução na educação". Embora inicialmente relutante na aceitação desta ideia, o que é certo é que volvidos alguns parágrafos, e perante a elucidação das especificidades do movimento, este autor tende a admití-la. Mas o que nos interessa realçar neste prefácio, para além dos objectivos da educação escutista aqui bem explicitados, é que podemos vislumbrar nesse texto o prelúdio da actual educação não-formal, essencialmente no que respeita à representação de incompletude que se cristaliza na relação escola-sociedade. As suas propostas educativas, que apelavam à realização de actividades de ar livre como contexto de excelência do escutismo, não raras vezes se confrontaram com o modelo da educação escolar, tornando-se inevitável não só a crítica às lógicas de funcionamento desta instituição e ao tipo de cidadão que ela proporcionava, como igualmente se desenvolveram na procura de um espaço de afirmação no campo mais vasto da educação. Assim, ao sublinhar a importância das actividades recreativas do escutismo como "practical aid to education", Baden-Powell sugeria que

"it may be taken to be complementary to school training, and capable of filling up certain chinks unavoidable in the ordinary school curriculum. It is, in a word, a school of citizenship through woodcraft".¹⁰

Apresentando-se como *complementar* à escola, o escutismo instituiu, por assim dizer, uma das concepções que na actualidade tendem a caracterizar

10

O texto deste prefácio que aqui referenciamos foi retirado do site "The Gaelic Wolf Scouting Pages" (www.gaelwolf.com/gaelwolf/b-p_pref.html), não constando a data em que foi publicado no referido manual *Scouting for Boys*. Pelas anotações inseridas no texto do prefácio, da responsabilidade de Norman MacLoed e com o objectivo de situar o leitor no tempo em que ele foi redigido, assim como pelo recurso à "The Baden-Powell Library" (www.pinetreeweb.com), não andaremos muito longe da verdade se situarmos este texto em 1908/09.

a educação não-formal (cf., entre outros, La Belle & Verhine, 1975a¹¹; Hamadache, 1993; Brennan, 1997). Contudo, Baden-Powell fez questão de marcar as diferenças educativas entre o escutismo e a escola, situando os objectivos do movimento num plano mais prático e experiencial: "It aims to teach the boys how to live, not merely how to make a living" (cf. o citado prefácio). A sua grande preocupação era deslocar o enfoque educativo de uma esfera mais individualista, competitiva, materialista, entre outros valores mais próximos do *ethos* da escola, para uma esfera mais social e colectiva, pautada pelo serviço aos outros. Empenhado no desenvolvimento do "civismo activo", Baden-Powell preconizava uma educação escutista assente em quatro dimensões: o Carácter, a Saúde e a Força, a Habilidade Manual, o Serviço ao Próximo (cf. Baden-Powell, 1976: 33-35; 1929: 34-35 e 47-50). E a *pedra de toque* da metodologia escutista¹², na qual e pela qual se dava expressão àquelas dimensões, foi a que consagrou o "sistema de patrulhas" (ou de equipas, no caso dos caminheiros), isto é, um sistema que mostra

"a cada rapaz a sua responsabilidade pessoal no bem da patrulha e leva cada patrulha a reconhecer que tem responsabilidade bem definida no progresso de todo o Grupo. Por meio do sistema de patrulhas, os escuteiros vêm a reconhecer que têm voz activa em tudo quanto o seu Grupo faz" (Baden-Powell, 1977, 32).

11 Como referem estes autores: "Nonformal education programs are seldom designed to replace formal schools as a substitute or an alternative. Instead, they are most often conceived as a supplement or complement to formal schooling or a programmatic way of reaching a particular population for which schools have been shown to be ineffective or inappropriate" (La Belle & Verhine, 1975a: 10).

12 É o próprio Baden-Powell (1976: 40-41) a reconhecê-lo: "O sistema de Patrulhas é a característica essencial em que a formação Escutista difere da de todas as outras organizações, e quando o sistema é devidamente aplicado, o êxito é absolutamente certo. Não pode deixar de o ser!"; e mais à frente acrescenta "A Patrulha [6 a 8 elementos] é sempre a unidade em Escutismo, quer para recreio, para a disciplina ou para o dever. Um meio valiosíssimo para a formação do carácter é atribuir responsabilidades ao indivíduo. Isto consegue-se imediatamente ao nomear um Guia de Patrulha para a direcção responsável da sua Patrulha. Parece exigência excessiva, mas na prática dá resultado", (*italico* no original).

Sabendo que os rapazes (os jovens em geral) tendem naturalmente a agrupar-se, Baden-Powell vislumbrou nestes "grupos fraternais" e na sua forma de organização e de liderança uma possibilidade inesgotável de educação e de aprendizagem. Aos jovens faltava dar-lhes "um uniforme vistoso e equipamento", falar-lhes "à imaginação e ao sentido romântico" e lançá-los "na vida activa do ar livre" (Baden-Powell, 1976: 36). No fundo, a atribuição de responsabilidades no seio da patrulha, o espírito de colaboração e de cooperação que emergia nos jogos, nas actividades e nos vários cenários de interacção escutista, orientados para a consecução de objectivos comuns e partilhados, prefiguravam-se, por conseguinte, como valiosos contributos para a realização da aprendizagem dos sentidos da democracia e da cidadania democrática.

E isto invoca uma outra especificidade educativa bem patente no seguinte princípio motriz do escutismo: "estudam[-se] as ideias do rapaz, que é instigado a *EDUCAR-SE A SI PRÓPRIO* em vez de ser *instruído*"¹³ (Ibid., 36; Maiúsculas e *itálico* no original). Para além de se enfatizar neste excerto a perspectiva da auto-educação, não menos importante se torna neste processo encontrar um perfil de chefe-escuta (dirigente) consentâneo com o cariz do movimento. Para o fundador do escutismo este *scoutmastership* teria "de ser apenas um homem-rapaz"¹⁴ (Ibid., 15), o que invalida desde logo quaisquer conotações com o modelo do professor, ou com as estratégias de ensino por este tradicionalmente seguidas. Aliás,

¹³ Outra das frases mais lapidares de Baden-Powell (1976: 48) a este propósito é a seguinte: "Este é pois o objectivo mais importante da formação Escutista — educar; não instruir, reparem bem, mas educar, isto é, levar o rapaz a aprender por si, espontaneamente, aquelas coisas que contribuem para lhe formar o carácter".

¹⁴ Para conseguir incorporar este perfil, foram apontados quatro pontos: "1. Precisa de estar animado do espírito do rapaz; e precisa de ser capaz de se colocar ao nível dos rapazes, em primeiro lugar. 2. Precisa de compreender as necessidades, modos de ver e aspirações das diferentes idades da juventude. 3. Precisa de tratar mais com o rapaz individualmente do que com a massa. 4. Precisa depois de promover o espírito de corpo entre os seus rapazes, para alcançar os melhores resultados" (ibid.).

encontrámos com frequência nos trabalhos deste autor uma crítica cerrada às lógicas do ensino, ao funcionamento da própria escola¹⁵, ao antagonismo dos papéis e dos interesses dos professores e dos alunos, sendo também recorrente a distinção entre *instrução* e *educação*: a primeira, define-a como "o método de inculcar e martelar conhecimentos no rapaz"; a segunda, como "o método de 'puxar' por cada rapaz individualmente e dar-lhe a ambição e a disposição de aprender por si mesmo" (aspas no original)¹⁶. Donde, para o escutismo, Baden-Powell prefira inequivocamente esta última opção.

É certo que a apologia que este antigo general faz da auto-educação revela sobretudo a sua preocupação com a incapacidade da escola na educação cívica dos rapazes, já que esta instituição estaria mais voltada para a tarefa de ensinar a aprender. A conclusão da educação do rapaz, para assumir os papéis do (homem) adulto, passaria pela sua predisposição para se educar a si mesmo, tendo em vista a sua preparação para assumir as responsabilidades da futura profissão, "de futuro pai de filhos [e] de cidadão e guia de outros homens" (Baden-Powell, 1974: 27). À escola caberia, no entanto, o primeiro impulso neste processo:

"o êxito ou o fracasso dependem, em grande parte, do teu próprio esforço. Aqueles que aproveitam os conhecimentos escolares para completarem a sua educação são os que triunfam. E é neste ponto que os livros e as conferências te podem valer de muito" (Ibid., 167).

¹⁵ Uma das imagens mais expressivas da crítica à escola é seguinte: "Quando saíste da escola recebeste a instrução do nível geral da turma — ou rebanho. Mas há homens que, depois de saírem da escola, se elevam acima do nível geral; muitos continuam com o rebanho, ao passo que alguns se aprofundam na lama" (Baden-Powell, 1974: 167).

¹⁶ Citação retirada de uma obra que procurou condensar tematicamente as citações mais importantes do pensamento de Baden-Powell, da autoria de Mário Sica (1986). A citação aqui utilizada foi retirada da revista escutista *Headquarters' Gazette*, de Outubro de 1913.

3. Os *Caminheiros* do Corpo Nacional de Escutas

Apesar de constituir na actualidade a maior organização de juventude e a maior organização escutista em Portugal, o Corpo Nacional de Escutas (CNE) não foi a primeira do género a aparecer no território nacional nem é presentemente a mais antiga. Efectivamente, os primeiros passos do escutismo num território português foram dados, por volta de 1910, em Macau e só por volta de 1911 há notícias do aparecimento de várias organizações escutistas no continental. Sobreviveram apenas a União dos Adueros de Portugal, que se extingue em 1930, e a Associação de Escoteiros de Portugal, que ainda hoje se mantém em actividade, com um número de filiados a rondar a dezena de milhar. Embora mais tardiamente que as organizações para rapazes, regista-se igualmente nosso país, em 1931, o início das actividades da congénere feminina do Escutismo, a Associação de Guias de Portugal, fazendo parte do Movimento Mundial Guidista, iniciado em 1910. Esta associação nacional, com um número actual a cifrar-se à volta das 3000 associadas, ressentiu-se, muito provavelmente, da introdução das perspectivas da coeducação nas outras duas organizações escutistas, tendo o CNE aprovado a admissão de raparigas com mais de 6 anos, em todas as suas secções, em Junho de 1976.¹⁷

No que concerne ao CNE — Escutismo Católico Português, a data da sua fundação remonta a 27 de Maio de 1923, nascendo com a denominação de *Corpo de Scouts Católicos Portugueses*, em Braga, tendo como principais dinamizadores o então arcebispo D. Manuel Vieira de Matos e o Dr. Avelino

17

As propostas de admissão de jovens do sexo feminino foram aprovadas em Conselho Nacional de Representantes do CNE, reunido nos dias 19 e 20 de Junho de 1976. Cf. *site* do CNE (www.cne-escutismo.pt). Para situar as propostas e os desenvolvimentos do processo de coeducação no CNE, consultar CNE (1994).

Gonçalves. Sem nos determos na história do CNE, marcada aliás por alguma tensão com o Estado Novo entre as décadas de trinta e de cinquenta, que chegou a fazer perigar a sua existência (cf. Salgado, 1948; Kuin, 1993; Pimentel, 2001), confrontamo-nos na actualidade com uma organização nacional com cerca de 70 000 efectivos, entre crianças, jovens e adultos, e que tem registado ao longo da última década um crescimento expressivo entre todas as suas secções. A análise cruzada dos quadros IV.1a e IV.1b revela-nos a seguinte realidade: enquanto a população portuguesa tem registado um crescimento negativo para os escalões etários situados entre os 5 e os 24 anos, por sua vez no CNE verificamos o inverso, com uma taxa de variação positiva próxima dos 50%, se considerarmos os anos de 1990 e de 2003. Para além do significativo acréscimo de dirigentes (o que aliás é relevante, atendendo à tradicional dificuldade em captar adultos para o movimento), constata-se que o escutismo católico português tem sustentado o seu crescimento pela adesão das camadas mais novas da população, justamente naquelas onde se têm vindo a denotar um maior recuo demográfico na estrutura da população portuguesa. Não deixa, por isso, de ser curioso que numa altura em que a escola se alarga e se tende a reposicionar como instituição central no quotidiano das pessoas, se verifique, concomitantemente, uma maior procura social desta organização (escutista) de educação não-escolar, quando até aqui, e com uma base demográfica mais alargada, o CNE não conseguiu uma expansão tão expressiva. Mais curioso ainda é sabermos que estamos em presença de uma organização escutista ligada à Igreja Católica, assistindo esta última a um acentuado "processo de desconfessionalização" (Fernandes, 2003: 188) da sociedade portuguesa (e da Europa em geral), denotando-se, por conseguinte, uma menor vivência quotidiana da prática religiosa e um decréscimo assinalável da prática religiosa dominical¹⁸.

18

Cf. Recenseamento da Prática Dominical, na página oficial da Igreja Católica Portuguesa

Quadro IV.1a
Evolução dos escuteiros do CNE, por secção, 1990-2003

| | Lobitos [6-10 anos] | Exploradores [10-14 anos] | Pioneiros [14-18 anos] | Caminheiros [18-22 anos] | Dirigentes [> 20 anos] | TOTAL |
|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|------------------------------------|----------------------------------|--------------|
| 1990 | 10744 | 13792 | 9259 | 6430 | 5772 | 45997 |
| 1991 | 11100 | 14454 | 9544 | 6593 | 5843 | 47534 |
| 1992 | 11146 | 14314 | 9956 | 6948 | 5992 | 48356 |
| 1993 | 11614 | 14657 | 10736 | 7537 | 6472 | 51016 |
| 1994 | 11539 | 15054 | 10985 | 8288 | 6826 | 52692 |
| 1995 | 11994 | 15520 | 11727 | 8992 | 6967 | 55200 |
| 1996 | 12720 | 16308 | 12091 | 9561 | 7314 | 57994 |
| 1997 | 13157 | 16788 | 12359 | 10002 | 7879 | 60185 |
| 1998 | 13779 | 17196 | 13207 | 10071 | 8371 | 62624 |
| 1999 | 15091 | 18168 | 14247 | 9143 | 9710 | 66359 |
| 2000 | 16023 | 19625 | 14367 | 9166 | 10784 | 69965 |
| 2001 | 15403 | 18675 | 13849 | 9016 | 10595 | 67538 |
| 2002 | 15194 | 18721 | 13462 | 8922 | 10870 | 67169 |
| 2003 | 16063 | 19118 | 13953 | 8872 | 11412 | 69418 |
| Tx var. [1990-2003] | 49,4% | 38,6% | 50,7% | 38% | 97,7% | 50,9% |

Fonte: Corpo Nacional de Escutas — Divisão Pedagógica Nacional

Esta perplexidade desencadeia, por sua vez, algumas pistas interpretativas, que podem, entre outras coisas, significar: o reconhecimento da validade das propostas do escutismo, e neste sentido este movimento afigurar-se-ia como um espaço-tempo educativo complementar à escola — tal como pretendia Baden-Powell; a confiança nesta instituição como contexto de ocupação de tempos-livres e de lazer de crianças e de jovens, enfatizada, sobretudo, pelo prisma da prevenção e da protecção contra os "riscos" sociais e de consumo de drogas; o escutismo como instância de

(www.ecclesia.pt/rpd/index.htm). Este recenseamento foi efectuado em 10-11 de Março de 2001 e na sua análise posterior levada a cabo M. Marinho Antunes, no que concerne à prática dos escalões mais jovens da população portuguesa, este autor concluía: "É claro que a descida do número de praticantes dos dois primeiros grupos etários reflecte a quebra do número de adolescentes e jovens que tem acontecido na população portuguesa, mas ultrapassa-a. Assim, de acordo com as informações disponíveis, o número de crianças até aos 14 anos de idade sofreu, em Portugal, uma quebra de 16%, entre 1991 e 2001, e o número de jovens dos 15 aos 24 anos uma descida de 8%, no mesmo período; no que respeita aos praticantes, registou-se uma diminuição de 34% nos 7-14 anos e de 36% nos 15-24 anos, na mesma década" (cf. neste site, "Resultados provisórios do Recenseamento da Prática Dominical").

preservação/ continuação dos valores de inspiração cristã, num momento em que se vincam as tendências para a secularização da sociedade; a promoção e a maior abertura do movimento, decorrente das orientações formuladas em sede da OMME; ou, sem que estas pistas sejam mutuamente exclusivas, ser decorrente da revalorização que os contextos e os processos de educação não-escolar vêm sendo alvo, como processo sincrónico, mas não linear nem totalmente decorrente, da propalada "crise" da escola (cf. Afonso, 2003: 43).

Quadro IV.1b
Evolução dos jovens residentes em Portugal (5-24 anos), 1991-2001

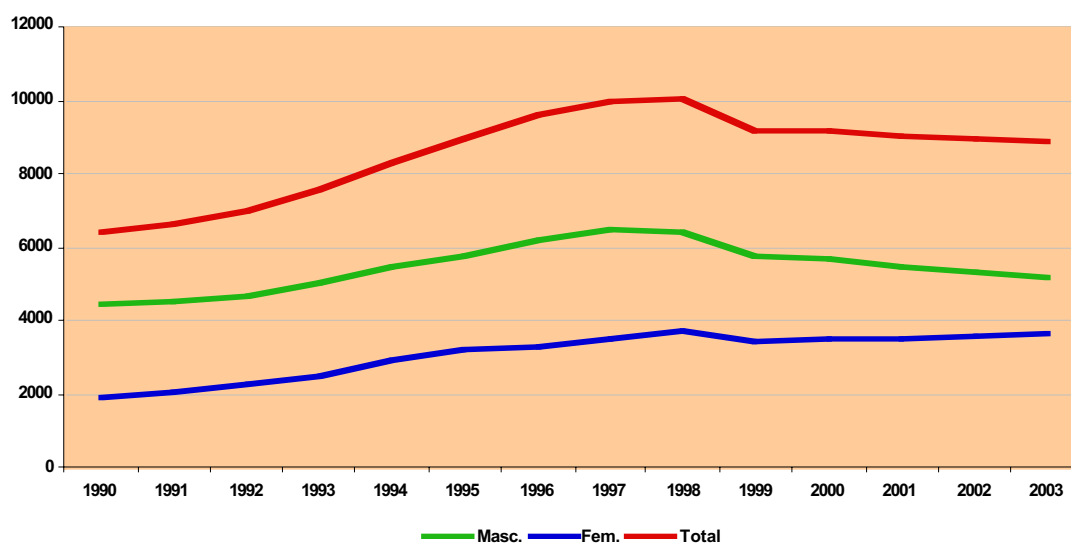
| | 5-9 anos | 10-14 anos | 15-19 anos | 20-24 anos | Total |
|----------------------------------|----------|------------|------------|------------|---------|
| 1991 | 627805 | 754168 | 857166 | 788324 | 3027463 |
| 1992 | 601295 | 726610 | 849147 | 804855 | 2981907 |
| 1993 | 577100 | 705739 | 835450 | 817496 | 2935785 |
| 1994 | 560690 | 684484 | 816377 | 832791 | 2894342 |
| 1995 | 546948 | 659727 | 791845 | 846245 | 2844765 |
| 1996 | 546624 | 633323 | 763570 | 854690 | 2798207 |
| 1997 | 546669 | 605832 | 724155 | 851405 | 2746061 |
| 1998 | 546722 | 581829 | 725145 | 840120 | 2693816 |
| 1999 | 536721 | 566430 | 707046 | 822591 | 2632788 |
| 2000 | 531348 | 555631 | 686404 | 799375 | 2572758 |
| 2001 | 528333 | 554255 | 660903 | 780513 | 2524004 |
| Tx cresc. [1991-2001] | - 15,8% | - 26,5% | - 22,1% | - 1,0% | - 16,6% |

Fonte: INE / Corpo Nacional de Escutas — Divisão Pedagógica Nacional

Como não constitui objectivo deste trabalho elaborar uma análise aprofundada desta organização nacional de escuteiros, mas tão-somente estudar uma das suas secções específicas (os caminheiros), que representou o nosso universo empírico e sobre a qual administrámos um inquérito por questionário, gostaríamos, seguidamente, de reter alguns dos seus traços mais característicos, a começar pela sua evolução ao longo da última década e meia. A figura IV.2 mostra-nos um crescimento assinalável de caminheiros no período considerado (taxa de variação de 38%), apesar de se observar desde 1998 uma ligeira quebra do número de efectivos. Esta diminuição do número total de caminheiros tem sido devida sobretudo ao

abaixamento do número de escuteiros do sexo masculino, já que se tem assistido à aproximação gradual dos contingentes masculinos e femininos.

Figura IV.2
Evolução dos caminheiros por sexo (1990-2003)



Sem que nos ocorra uma justificação consistente para este fenómeno de crescente *feminização do caminheirismo*, contudo, tal não andarà muito distante do fenómeno concomitante da feminização da escolaridade. Além disso, para a compreensão desta tendência, convém não ignorar alguns traços de natureza cultural da sociedade portuguesa, para sublinhar alguma pretensa salvaguarda moral e social que pode advir da participação neste contexto juvenil, nomeadamente quando se tende a considerar estas idades problemáticas na transição para a idade adulta. Embora se tenha acentuado em ambos os sexos uma diminuição da prática religiosa dominical, e apesar de o decréscimo ser ligeiramente maior entre o sexo feminino, no entanto, a percentagem raparigas praticantes na missa de domingo era superior à dos rapazes, revestindo-se este factor de alguma importância

compreensiva para a aludida tendência de *feminização* do caminheirismo, não esquecendo que estamos em presença de um escutismo católico¹⁹.

A atenção que prestaremos doravante aos caminheiros, não foge certamente a motivações de índole teórica, não obstante considerarmos o escutismo na sua globalidade um objecto teórico e empírico susceptível de mobilizar o interesse de muitos cientistas sociais e da educação. Da nossa parte, esta secção afigurou-se o ponto de confluência das problemáticas teóricas atrás desenvolvidas, isto porque os caminheiros são simultaneamente actores de um contexto de educação não-escolar e um grupo social situado nos constrangimentos da actual *condição social* da juventude. Ainda subjacente à necessidade de demarcação analítica, compreender os fenómenos da experiência social destes jovens em fase de transição para a idade adulta pressupunha explorar este grupo específico e a importância que a sua integração no movimento escutista podia ou não relevar na construção dos seus percursos de subjectivação social. Mais a mais quando a metodologia educativa da IV^a secção se afigurava como uma possibilidade orientadora da acção, ao enfatizar quatro dimensões simbólicas constitutivas do caminheirismo: *caminho, comunidade, serviço e partida* (cf. CNE, 1993: 27-29). A analogia com a ideia de *transição para a idade adulta* é óbvia, na medida em que se pretende nesta fase do escutismo que o jovem, por um lado, consiga definir as linhas orientadoras do seu projecto de vida (e nesta óptica é um apelo à construção subjectiva da acção), e, por outro lado, que ao longo deste percurso (moratório e probatório) adquira um conjunto de atributos identificáveis com a "maturidade plena" (ibid., 9), no quadro dos valores do escutismo e da Igreja

19

Segundo o Recenseamento da Prática Religiosa Dominical, assiste-se a uma feminização e a um envelhecimento dos praticantes nos rituais de Domingo da Igreja Católica. No que concerne aos praticantes por sexo e idade, verificou-se que para os escalões etários 7-14 e 15-24 anos a percentagem de praticantes do sexo masculino passou, respectivamente, de 8,5 para 6,6 % e de 5,8 para 4,5%, nos anos de 1991 e 2001; por sua vez, no que respeita ao sexo feminino e em igual período, registou-se naqueles escalões etários uma evolução de 10,1 para 7,7% e 9,6 para 7,0 %.

Católica. O *caminho*, no qual "o jovem é desafiado a escolher um itinerário de descoberta e acção" (ibid., 27) culminará no acto simbólico da *partida*, em que "o jovem não 'chega' ao fim da sua caminhada, mas 'parte' (ibid., 28; aspas no original), o que representa não só a saída do clã (e eventualmente) do escutismo) mas que o caminheiro está em condições de iniciar outra *caminhada*. No fundo, significa que o jovem estará preparado para a sua integração social e que, doravante, mesmo não sendo activamente um escuteiro sê-lo-á toda a vida, pois de acordo com a mística do movimento: "escuteiro uma vez, escuteiro a vida toda". Apesar desta experiência escutista contemplar a vertente subjectiva da acção, importa também não esquecer que o caminheirismo tende a sedimentar a sua metodologia na apologia de valores colectivos (tais como a partilha, a amizade, a solidariedade, entre outros), bem vinculados nas citadas dimensões da *comunidade* e do *serviço*. E assim, um dos *efeitos esperados* da experiência escutista, mesmo que circunscrita a um determinado período de vida, seria a construção de uma *fraternidade* promotora da Paz, objectivo, aliás, frequentemente sublinhado pelo fundador do escutismo. Reflectindo sobre as potencialidades da educação/formação (*training* no original) dos escuteiros e das guias "as a factor in world peace", e tendo muito próxima a experiência traumática da 1ª Guerra Mundial, Baden-Powell (1929: 76) foi claro na forma como preferia a manutenção da paz no mundo:

"the League of Nations is a police force for suppressing war, and as such is a valuable step; but surely a better aim is the *prevention* of war through the mutual goodwill and understanding of the peoples themselves" (*itálico* no original).

Mas se não há dúvidas quanto à bondade das intenções do *projecto* de educação cívica do movimento, contudo, o mesmo não se poderá dizer no que concerne ao modelo implícito de *transição para a idade adulta* presente na metodologia educativa da IVª secção, sobretudo quando se consideram os constrangimentos que actualmente se avolumam na integração da

generalidade dos jovens no mercado de trabalho e, conseqüentemente, nos adiamentos sucessivos que isto provoca na consecução da "cidadania plena". Mesmo admitindo-se que a dinâmica educativa desta secção favoreça a existência de espaços de reflexão sobre os vários cenários do quotidiano e que, de facto, os jovens escuteiros tenham desenvolvido um *lastro* moral, ético e cívico que lhes permita transformar "as estruturas labirínticas do quotidiano" (Pais, 2001) em mais uma aventura a viver segundo o *espírito escutista*, não podemos, no entanto, deixar de ter presente alguma ambiguidade e um certo desfasamento que poderá advir do simbolismo da *partida*, pois a *caminhada* que se inicia pode vir a revelar-se penosa e introduzir alguma tensão nos modelos de referenciação do sujeito e, inclusive, poder processar-se quando a sociedade ainda não confere ao jovem as possibilidades de se tornar adulto.

4. O Rover2001 como contexto de administração do inquérito por questionário

Aproveitando a realização de um acampamento nacional de caminheiros (Rover) de 29 de Julho a 5 de Agosto de 2001, em conjugação com o secretariado pedagógico nacional da IVª secção e com a equipa organizadora desta actividade, avançamos para a administração de um inquérito por questionário (cf. apêndice 1) que constituiu o núcleo central da análise empírica deste trabalho. Realizando-se pela primeira vez a nível nacional em separado, sem estar inserido numa organização conjunta com as restantes secções do CNE, este acampamento adoptou como tema de actividades o "Tempo Novo... Homem Novo", procurando durante aqueles dias vivenciar os objectivos genéricos da IVª secção, ao qual acrescentaram o objectivo específico de "promover e ajudar a construção do Centro Escutista de Drave", actualmente considerado a base nacional dos caminheiros. Drave, uma aldeia desabitada, situada na fronteira dos

concelhos de S. Pedro do Sul e Arouca, rodeada pelas serras da Freita, S. Macário, Montemuro e Castro Daire, constituiu o local para onde congregaram todos os participantes neste evento, após um primeiro momento (primeiros 4 dias) em que os caminheiros desenvolveram actividades de montanha, em equipa (*raid*), dentro do espírito "de aventura, de vida ao ar livre e de descoberta da vocação pessoal" (cf. documentos preparatórios da actividade). Foi justamente neste contexto de acampamento, nomeadamente quando se cumpria o segundo momento da actividade orientado para o "progresso comunitário, de trabalho em grupo, de criatividade, de serviço - tarefas para o Centro Escutista de Drave" (Ibid.), que nós estivemos presentes para acompanharmos o processo de administração do citado questionário.

A nossa participação neste acampamento teve certamente outros proveitos que não aqueles que se circunscrevem apenas à administração e recolha desta informação empírica. De facto, pudémos actualizar muitos dos conhecimentos que já dispunhamos do movimento, pela observação, pelas conversas que mantivémos com os dirigentes e com os caminheiros. Para além dos comentários que recolhemos sobre o nosso instrumento de recolha de dados, importa frisar que a equipa organizadora do Rover2001 entendeu transformar a administração do inquérito em mais um momento da actividade. E neste sentido, pensámos que tal facto constituiu uma mais-valia na qualidade dos dados recolhidos. Mesmo assim, apesar dos cuidados e da atenção que o questionário mereceu, tanto de quem o administrou e orientou, como por parte de quem o respondeu, impôs-se como uma necessidade posterior a análise criteriosa de cada inquérito recolhido, o que levou, inevitavelmente, à eliminação de alguns que não ofereciam as garantias requeridas por este trabalho.

A realização deste acampamento pressupôs uma ampla preparação e participação dos vários intervenientes, quer a nível local (agrupamento), quer a nível regional, quer a nível nacional. O caminheiro após demonstrar no clã o seu interesse em participar no Rover e após formalizar pela *internet*

esta intenção (inscrições limitadas aos primeiros 1100 inscritos), passou a representar um efectivo que a Junta Regional respectiva teve de enquadrar numa determinada equipa participante. Promoveu-se, deste modo, a inserção do caminheiro numa unidade composta por jovens de diversos agrupamentos, articulando-se subsequentemente com outras equipas de outras regiões na consecução de um projecto colectivo, de clã, a realizar no decurso das actividades do Rover2001. Neste sentido, o quadro IV.2 fornece-nos uma ideia de como se processou a caminhada rumo a esta actividade, significando, por isso, a necessidade de um empenho prévio dos caminheiros no modelo de acampamento proposto pela equipa organizadora, o que de certo modo justifica a triagem que ocorreu desde o número declarado de intenções ao número de inscrições definitivas registadas. Não obstante este número, aquando da reprodução do inquérito por questionário fomos informados pelo *staff* do acampamento que o número de presentes rondaria os 700 caminheiros. No fim de contas, conseguimos recolher 475 inquéritos, dos quais retirámos 69 por estarem preenchidos de forma incompleta, por se denotar um elevado número de não-respostas, ou por se ter depreendido alguma falta de seriedade nas respostas de alguns inquiridos. A amostra quedou-se, então, pelos 406 inquiridos, sensivelmente metade do número de inscrições definitivas. Mesmo que tivéssemos abrangido todos os participantes, tal não nos daria a legitimidade para considerarmos o nosso estudo extensivo a todos os caminheiros do CNE, pelo que as conclusões deste trabalho devem ser acauteladas e relativizadas face a esta configuração amostral. Se do ponto de vista da extrapolação dos dados existe este condicionamento, contudo, no que respeita à informação recolhida convém sublinhar a sua validade interna, pois face a um inquérito tão extenso, envolvendo uma considerável massa de dados, as nossas expectativas foram amplamente satisfeitas.

Quadro IV.2
Número de participantes no Rover2001, por região

| Região | Pré-inscrições (intenções) | Inscrições definitivas |
|-------------------|---------------------------------------|-----------------------------------|
| Açores | 0 | 7 |
| Algarve | 20 | 24 |
| Aveiro | 77 | 84 |
| Beja | 5 | 7 |
| Braga | 133 | 104 |
| Bragança | 0 | 0 |
| Coimbra | 38 | 29 |
| Évora | 39 | 39 |
| Guarda | 3 | 6 |
| Lamego | 5 | 0 |
| Leiria | 53 | 50 |
| Lisboa | 191 | 93 |
| Madeira | 5 | 9 |
| Port. E C. Branco | 19 | 0 |
| Porto | 257 | 153 |
| Santarém | 33 | 31 |
| Setúbal | 165 | 89 |
| Viana do Castelo | 11 | 29 |
| Vila Real | 42 | 37 |
| Viseu | 28 | 20 |
| TOTAL | 1124 | 811 |

Fonte: Corpo Nacional de Escutas — Equipa Organizadora do Rover2001

5. Caracterização social dos escuteiros inquiridos

Com o intuito de aceder ao perfil social dos 406 escuteiros inquiridos, agregamos um conjunto de questões relativas aos dados biográficos e familiares, cujas respostas podem ser observadas no quadro IV.3. Pela análise dos resultados obtidos, podemos constatar que a maioria dos caminheiros (60%) tem mais de 20 anos e pertence ao sexo masculino (58,3%). Como consequência lógica, o nível de escolaridade dominante é o ensino secundário (85,7%), sendo de destacar igualmente um grupo de 37 jovens (9,1%) detentores de um curso superior.

Quadro IV.3
Perfil Social dos Escuteiros Inquiridos

| IDADE | n | % |
|---|----------|----------|
| 17-19 anos | 162 | 40 |
| 20 anos em diante | 243 | 60 |
| Total | 405 | 100 |
| Média: 20 anos / Mediana: 20 / Moda: 19 (*) | | |
| SEXO | n | % |
| Masculino | 236 | 58,3 |
| Feminino | 169 | 41,7 |
| TOTAL | 406 | 100 |
| ESCOLARIDADE | n | % |
| Até ao 9º ano | 21 | 5,2 |
| Ens. Secundário | 348 | 85,7 |
| Ens. Superior e outros | 37 | 9,1 |
| TOTAL | 406 | 100 |
| FREQUÊNCIA DE UM CURSO SUPERIOR | n | % |
| Completo | 12 | 3,0 |
| Incompleto | 252 | 62,1 |
| NS/NR | 142 | 35,0 |
| TOTAL | 406 | 100 |
| CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO | n | % |
| Estudante a tempo inteiro | 321 | 79,5 |
| Outros | 83 | 20,5 |
| TOTAL | 404 | 100 |
| VIVE COM OS PAIS? | n | % |
| Sim | 362 | 89,6 |
| Não | 42 | 10,4 |
| TOTAL | 404 | 100 |
| TEM IRMÃOS? | n | % |
| Sim | 362 | 89,2 |
| Não | 44 | 10,8 |
| Total | 406 | 100 |

(*) Medidas apuradas antes da agregação dos dados

Ainda no campo da escolaridade formal, a situação escolar dos inquiridos revela-nos um cenário marcado pela presença maioritária de jovens a frequentar o ensino superior (62,1%), grande parte deles deslocados dos seus concelhos de residência habitual (60,7%). Em síntese, trata-se de um grupo de jovens maioritariamente estudantes a tempo inteiro (79,5%), a viver com os pais (89,6%) e com os irmãos (89,2%).

No que respeita à caracterização do meio familiar dos inquiridos, nomeadamente nas esferas escolar e profissional, prevalece um quadro típico dos estratos sócio-económicos intermédios: em primeiro lugar, do ponto de vista da escolaridade, regista-se uma significativa similitude entre

os pais e as mães, verificando-se mesmo uma maior percentagem de mães detentoras de níveis superiores de escolaridade (cf. quadro IV.4); em segundo lugar, a grande maioria dos progenitores exercem uma profissão a tempo integral (82,0% de pais e 75,9% de mães - cf. quadro IV.5), se bem que ainda encontremos uma percentagem considerável de mães que se dedicam às tarefas do lar (domésticas = 14,5%); em terceiro lugar, no que respeita à situação na profissão, predominam os trabalhadores assalariados, ou por conta de outrem, em ambos os progenitores (pais: 60,3%; mães: 67,0% - cf. quadro IV.6).

Quadro IV.4
Escolaridade dos pais (n=406)

| | Inquérito aos caminheiros (Drave 2001) | | Censos 2001 (INE) Pop. Port. com + de 40 anos | |
|---|--|----------|--|------------|
| | PAI % | MÃE % | HOMENS % | MULH. % |
| 1. Não sabe ler nem escrev./sem nível de ensino | – | – | 10,9 | 19,6 |
| 2. Ensino Primário (4ª classe) | 29,3 | 31,8 | 54,6 | 52,6 |
| 3. Ensino Prep. (2º ano do ciclo) ou equiv. | 10,8 | 8,1 | 7,8 | 7,0 |
| 4. 9º ano de escolaridade ou equiv. | 10,1 | 10,1 | 7,4 | 6,1 |
| 5. Ens. Sec. ou equiv. (10º, 11º e 12º anos) | 22,4 | 20,2 | 10,0 | 7,1 |
| 6. Bacharelato | 6,2 | 11,3 | 1,7 | 1,3 |
| 7. Licenciatura | 15,3 | 15,3 | 7,7 | 6,3 |
| 8. Pós-graduação | 2,0 | 1,7 | 0,8 | 0,5 |
| 9. Outro | 0,7 | 0,7 | – | – |
| Não sabe / Não responde | 3,2 | 0,7 | – | – |

Quando confrontamos os dados do nosso inquérito relativos à escolaridade dos pais com os disponíveis dos Censos 2001, publicados pelo INE, e reportados à população portuguesa com mais de 40 anos, confirmamos a ideia acima aventada de que os jovens inquiridos provêm tendencialmente de estratos sócio-económicos médios, uma vez que o nível de escolaridade dos seus pais é significativamente superior à verificada para a mesma faixa etária populacional a nível nacional. Não só a posse do

mais baixo título escolar (ensino primário) é significativamente menos expressivo nestas famílias como o inverso também é verdade; isto é, à medida que vamos subindo no nível de ensino, verificamos uma maior diferenciação percentual entre a escolaridade dos pais dos inquiridos e a correspondente à percentagem da população nacional.

Quadro IV.5
Condição perante o trabalho dos pais (n=406)

| | PAI % | MÃE % |
|---|----------|----------|
| 1. Exerce uma profissão (a tempo integral) | 82,0 | 75,9 |
| 2. Reformado | 9,9 | 3,4 |
| 3. Ocupa-se das tarefas do lar | – | 14,5 |
| 4. Desempregado | 1,2 | 2,2 |
| 5. Incapacitado permanente para o trabalho | 0,7 | 0,7 |
| 6. Frequenta um curso formação profissional | – | – |
| 7. Exerce uma (ou mais) actividade(s) em <i>part-time</i> | 0,5 | 2,0 |
| 8. Outra situação | 2,7 | 0,7 |
| Não sabe / Não responde | 3,0 | 0,5 |

Quadro IV.6
Situação na profissão dos pais (n=406)

| | PAI % | MÃE % |
|--|----------|----------|
| 1. Patrão | 11,3 | 3,7 |
| 2. Trabalhador por Conta Própria / Isolado | 19,2 | 8,9 |
| 3. Trabalhador em empreendimento familiar | 1,2 | 1,7 |
| 4. Assalariado / Trabalhador por conta de outrem | 60,3 | 67,0 |
| 5. Outra situação | 2,7 | 16,5 |
| Não sabe / Não responde | 5,2 | 2,2 |

Se associarmos estes indicadores escolares aos dados relativos à condição perante o trabalho e à situação na profissão, obtemos um perfil sócio-cultural e profissional paradigmático da classe média portuguesa: detentora de um razoável capital escolar, empregada a tempo inteiro,

trabalhadora por conta de outrém e com filhos integrados no sistema superior de ensino. Este retrato, ainda que genericamente esboçado, permitir-nos-á, mais adiante, compreender e situar o contexto de socialização familiar no quadro mais global do desenvolvimento da educação / formação desta amostra de jovens escuteiros.

6. Experienciação do modelo escutista: sentidos, representações e práticas

Ao perguntarmos qual o ano de entrada no Escutismo, tomando concretamente o ano em fizeram a (primeira) promessa²⁰ — por se considerar o marco de maior simbolismo escutista, não obstante tal compromisso pressupor um considerável período preparatório —, pretendíamos conhecer a natureza e a duração das experiências escutistas, convictos de que a variável tempo de permanência no movimento representava um indicador nuclear, quer do grau de integração dos jovens no escutismo quer dos possíveis efeitos educativos / formativos do movimento no quotidiano dos jovens. Com efeito, observamos que os caminheiros inquiridos detinham um longo percurso no escutismo, sendo que mais de 80% tinham pelo menos 6 anos de envolvimento voluntário no movimento (cf. quadro IV.7). Mas a faixa que mais nos interessa destacar nesta amostra é justamente o grupo mais *antigo* de jovens que se encontrava ligado ao movimento há mais de 10 anos (44,1%), o que equivale a afirmar que mais de metade dos seus percursos de vida tiveram o escutismo integrado no quadro mais amplo da sua experiência social.

20

A importância deste acto continua a ser reafirmado na actualidade, na medida em que "la promesse est donc une première étape symbolique dans le processus d'auto-éducation" (Bureau Mondial, 1998: 10).

Quadro IV.7
Percurso no Escutismo

| Anos no escutismo | n | % |
|-------------------|-----|------|
| Até 5 anos | 77 | 19,3 |
| 6 – 10 anos | 146 | 36,6 |
| Mais de 10 anos | 176 | 44,1 |
| NS/NR | 7 | 1,7 |
| TOTAL | 406 | 100 |

Quadro IV.7a
Percurso no Escutismo: tempo médio (em anos) nas várias secções

| Secções | média | N/R (*) (n) | início secção (%) | Intervalo etário pertinente para cada secção do CNE |
|------------------|-------|----------------|----------------------|---|
| 1ª: Lobitos | 2,9 | 219 | 46,1 | [6 - 10 anos] |
| 2ª: Exploradores | 3,2 | 107 | 73,6 | [10 - 14 anos] |
| 3ª: Pioneiros | 3,3 | 41 | 89,9 | [14 - 18 anos] |
| 4ª: Caminheiros | 2,6 | 7 | 98,3 | [18- 22 anos] |

(*) Estas não respostas indiciam sobretudo o facto de os jovens inquiridos não terem passado pelas várias secções do escutismo.

Quadro IV.7b
Percurso no Escutismo:
Anos no Escutismo por tempo na 4ª Secção (caminheiros)

| Anos na 4ª Secção | [Até 3 anos] n % linha % coluna | [3 e mais anos] n % linha % coluna | TOTAL (linha) |
|-------------------|--|---|------------------|
| Anos no escutismo | | | |
| Até 5 anos | 46 59,7 21,8 | 31 40,3 16,8 | 77 19,5 |
| 6 – 10 anos | 94 65,3 44,5 | 50 34,7 27,2 | 144 36,5 |
| Mais de 10 anos | 71 40,8 33,6 | 103 59,2 56,0 | 174 44,1 |
| TOTAL: | 211 53,4 | 184 46,6 | 395 100,0 |

Para se compreender melhor o percurso deste jovens inquiridos no escutismo, a leitura simultânea dos quadros IV.7a e IV.7b, revela-nos que

uma percentagem significativa deu entrada no movimento ainda como criança, nomeadamente para os *lobitos* (uma percentagem a rondar os 46 %), percentagem que se torna mais expressiva à medida que ascendemos nos vários escalões etários/ secções. Igualmente interessante é constataremos que cerca de um quinto dos inquiridos têm apenas até 5 anos no escutismo e muito provavelmente processaram a sua integração no movimento a partir das disposições inerentes à metodologia da 4ª secção, numa etapa orientada para a consecução da "maturidade plena" (cf. CNE, 1993). Inversamente poderemos afirmar que os caminheiros que marcaram presença no *Rover2001* puderam experienciar distintas lógicas acção ao longo do seu percurso no escutismo, sobretudo desde a entrada / passagem à 2ª secção (aproximadamente três quartos dos caminheiros entrou no escutismo como *explorador*), momento a partir do qual se começa a construir, de forma gradual, a autonomia dos adolescentes e dos jovens.

No intuito de conhecer as razões que contribuíram para a entrada destes escuteiros no CNE (e desde então integrando a *Fraternidade Mundial* do Escutismo), procurámos antecipar um conjunto de razões que nos esclarecessem sobre as motivações da sua vinda para o movimento. Pela observação do quadro IV.8 podemos verificar uma significativa concentração de respostas no item "o gosto pela natureza e pelas actividades ao ar livre" (63,8%), o que não constitui nada de estranho atendendo à grande atracção que o ar livre, a natureza e o espírito de aventura a eles associados, sempre exerceram sobre as camadas mais jovens da população. De resto, o *ethos* do movimento escutista assenta justamente na auto-educação e na educação *na e pela* acção em contexto de ar livre, tal qual acreditava Baden Powell no início do século passado. Nas suas palavras (1976: 34)

"O Escutismo é um alegre divertimento ao ar livre, onde homens-
rapazes e rapazes podem, em conjunto, entregar-se à aventura
como irmãos mais velhos e mais novos, colhendo saúde e
felicidade, habilidade manual e espírito de auxiliar o próximo".

Seguidamente, entre as razões mais importantes para a adesão ao movimento, encontramos a influência exercida pelo grupo de amigos (33%) e pelos próprios familiares com experiência passada no escutismo (29,1%), o que vem confirmar a relevância das redes de interacção social e das sociabilidades na construção dos percursos individuais da vida dos jovens escuteiros. Por outro lado, o "gostar de acampar" (27,1%) e o "identificar-me com os ideais do movimento" (26,6%) vem reforçar ainda mais a tese de que estes inquiridos parecem ter incorporado o *espírito escutista*, no sentido atribuído expressivamente pelo seu fundador:

"A característica fundamental é o espírito do Movimento e a chave que abre a porta a este espírito é o romantismo da vida dos bosques e da história natural" (Powell, 1976: 37; edição original em 1920).

Quadro IV.8
Razões que levaram à entrada no Corpo Nacional de Escutas (n=406)
— no máximo 3 razões —

| Razões | n | % |
|--|-----|------|
| 1. Os meus pais inscreveram-me no agrupamento local | 75 | 18,5 |
| 2. Os meus amigos já pertenciam aos escuteiros | 134 | 33,0 |
| 3. Tinha familiares no escutismo (no agrupamento local ou noutros) | 118 | 29,1 |
| 4. O gosto pela natureza e pelas actividades ao ar livre | 259 | 63,8 |
| 5. Gostar de acampar | 110 | 27,1 |
| 6. Identificava-me com os ideais do movimento escutista | 108 | 26,6 |
| 7. Por os escuteiros serem um grupo de jovens ligados à Igreja Católica | 31 | 7,6 |
| 8. Por o escutismo ser constituído por jovens e adultos bem vistos na comunidade | 11 | 2,7 |
| 9. Por ser um movimento empenhado em importantes causas sociais | 17 | 4,2 |
| 10. Por ser um movimento baseado no voluntariado | 16 | 3,9 |
| 11. Via o escutismo como um movimento educativo complementar à escola | 28 | 6,9 |
| 12. Para ocupar os meus tempos-livres | 39 | 9,6 |
| 13. Tinha boas referências dos escuteiros e do escutismo | 35 | 8,6 |
| 14. A minha família incentivou-me a aderir ao escutismo | 39 | 9,6 |
| 15. Outra. | 12 | 3,0 |

Procurando indagar até que ponto este "espírito do Movimento" constituía ou não uma prática dos inquiridos (e recorde-se que o inquérito foi administrado em contexto de acção, num acampamento nacional), para além, como é óbvio, de tentar apreender a diversidade das práticas sob a égide do escutismo, apresentámos aos caminheiros um leque variado de actividades, solicitando-lhes que as graduassem consoante a regularidade em que nelas participassem (cf. quadro IV.9). As repostas recolhidas parecem, de facto, enfatizar o predomínio das actividades tipicamente escutistas e realizadas preferencialmente no contexto da natureza (com excepção das actividades de interior, também elas práticas escutistas — itens 15 e 19), tendendo-se, por isso, a aceitar a consonância destas respostas e as correlativas experiências educativas proporcionadas pela vivência destas actividades. Note-se, porém, que a operacionalização do grau de participação nas actividades talvez não permita explicitar, senão de forma genérica, os sentidos precisos das respostas. Mesmo assim parece-nos pertinente ressaltar o menor envolvimento destes jovens em actividades não especificamente escutistas, tais a vigilância de praias e de rios, a vigilância do ambiente e do *habitat* natural, o apoio à Protecção Civil e bombeiros, à defesa do património histórico-cultural, etc. Não constatamos, é certo, a ausência de experiências neste tipo de actividades de cariz mais social e comunitário, mas o significativo número de escuteiros que disse *nunca* ter participado nelas não deixa de constituir uma oportunidade de questionarmos algumas das práticas do escutismo na actualidade e em certa medida em contradição com a filosofia de base do movimento e com o lema da 4ª secção, que é justamente "servir". No fundo, a participação nestas actividades não tipicamente escutistas também lhe conferem uma especificidade escutista, porque, na óptica de Baden-Powell (1976: 33)

"O civismo já foi definido resumidamente como sendo 'lealdade activa para com a comunidade'. Num país livre é fácil, e nada invulgar, considerar-se alguém bom cidadão se for respeitador das

leis, realizar trabalho útil e manifestar a sua preferência em política, desportos ou actividades, deixando ao Governo o encargo de preocupar-se com o bem da Nação. Isto é *civismo passivo*. Mas *civismo passivo* não basta para defender no mundo as virtudes da liberdade, honra e justiça. Só o *civismo activo* o pode fazer" (aspas e *itálico* no original).

Quadro IV.9
Participação nas diversas actividades ao longo do percurso no escutismo

| Actividades | Grau de Participação | | | | | |
|--|----------------------|------|----------|------|-------|------|
| | Frequente | | Às vezes | | Nunca | |
| | n | % | n | % | n | % |
| 1. Acampamentos no âmbito do agrupamento (de agrup., de unidade/secção...) | 361 | 88,9 | 44 | 10,8 | 1 | 0,2 |
| 2. Actividades Regionais e de Núcleo (acampamentos, abertura do ano escutista, cerimónias religiosas, acções de formação, ...) | 173 | 42,6 | 217 | 53,4 | 15 | 3,7 |
| 3. Actividades de âmbito Nacional (acamp. nacional, Rover, encontros escutistas oficiais, acções de formação, ...) | 111 | 27,3 | 285 | 70,2 | 8 | 2,0 |
| 4. Actividades de âmbito internacional (<i>jamborees</i> , intercâmbios com escuteiros de outros países, fóruns, congressos, ...) | 14 | 3,4 | 114 | 28,1 | 268 | 66,2 |
| 5. Jogos ao ar livre, pistas, jogos de orientação, jogos nocturnos, ... | 253 | 62,3 | 148 | 36,5 | 5 | 1,2 |
| 6. <i>Raides</i> , caminhadas, montanhismo, ... | 279 | 68,7 | 123 | 30,3 | 3 | 0,7 |
| 7. Actividades aquáticas, descidas de rios em jangadas, canoagem, ... | 74 | 18,2 | 234 | 57,6 | 95 | 23,4 |
| 8. Acções de limpeza e preservação da natureza | 87 | 21,4 | 285 | 70,2 | 32 | 7,9 |
| 9. Dinamização e animação sócio-educativa (escolas, jardins de infância, na catequese, centros de dia e lares de idosos, ...) | 66 | 16,3 | 261 | 64,3 | 78 | 19,2 |
| 10. Apoio à Protecção Civil, Bombeiros, ... | 22 | 5,4 | 157 | 38,7 | 224 | 55,2 |
| 11. Vigilância do ambiente e do habitat natural (florestas, matas, espécies protegidas) | 12 | 3,0 | 148 | 36,5 | 238 | 58,6 |
| 12. Defesa do património histórico-cultural | 13 | 3,2 | 184 | 45,3 | 201 | 49,5 |
| 13. Vigilância de praias, rios (nadador-salvador, apoio aos banhistas, ...) | 9 | 2,2 | 46 | 11,3 | 343 | 84,5 |
| 14. Apoio a doentes, "excluídos" sociais, crianças marginalizadas, ... | 45 | 11,1 | 205 | 50,5 | 146 | 36,0 |
| 15. Reuniões de secção, de equipa/ patrulha, de agrupamento, ... | 344 | 84,7 | 52 | 12,8 | 3 | 0,7 |
| 16. Jornadas, encontros, reuniões, de vivência religiosa e de aprofundamento da fé, no âmbito do escutismo | 112 | 27,6 | 243 | 59,9 | 43 | 10,6 |
| 17. Actividades de progresso, individuais e de equipa/patrulha | 184 | 45,3 | 204 | 50,2 | 13 | 3,2 |
| 18. Festas escutistas, <i>fogos de conselho</i> , festas com os familiares e a comunidade | 290 | 71,4 | 110 | 27,1 | 2 | 0,5 |
| 19. Actividades de animação e preparação das actividades escutistas | 236 | 58,1 | 158 | 38,9 | 7 | 1,7 |
| 20. Outras. | 9 | 2,2 | 3 | 0,7 | 1 | 0,2 |

É certo que ao longo de nosso percurso de formação inerente a esta investigação, nomeadamente no decurso do trabalho de campo, pudémos presenciar manifestações de "civismo activo" de grande relevância social.²¹ e inclusive acompanhámos as actividades do Rover 2001 que se apoiaram na realização de projectos de cariz social e comunitário. As interrogações que aqui levantamos assentam essencialmente nas tendências reveladas pelo quadro IV.9, fazendo supor que as actividades escutistas decorrem de uma forma mais auto-centrada, predominantemente dirigidas à consecução do seu projecto pedagógico específico, nos tempos e nos lugares que lhe são mais característicos. É nossa convicção que algumas das *ideias feitas* sobre o movimento se ficam a dever, em certa medida, ao desconhecimento e à reduzida projecção sociais das actividades desenvolvidas no e pelo escutismo, tanto no plano educativo como no plano de acção e intervenção sociais.

Após caracterizada a participação nas diversas actividades ao longo do percurso escutista, pedia-se aos caminheiros que indicassem os três tipos de actividade em que mais gostassem de participar. A síntese apresentada no quadro IV.10 é sintomática do que acabamos de reflectir nos parágrafos precedentes, predominando as actividades mais específicas do escutismo, nomeadamente aquelas que decorrem em contacto com a natureza e ao ar livre. Mas repare-se que solicitámos as preferências dos inquiridos e neste sentido há a sublinhar, no topo, as actividades de âmbito nacional, momentos de certa forma marcantes sobretudo quando se trata de Acampamentos Nacionais, pelas expectativas desencadeadas pela

21

Por exemplo acompanhámos uma actividade promovida pela Junta Regional de Viana do Castelo do CNE, em colaboração com os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Viana do Castelo, e que mobilizou cerca de 600 escuteiros dos Agrupamentos deste Concelho, na qual se conseguiram recolher cerca de 250 toneladas de lixo no Monte de Santa Luzia, no Monte do Galeão e na mata do Rodanho em Vila Nova de Anha. Esta actividade impressiona pela quantidade de lixo recolhido, muito embora não tenha tido o devido acompanhamento da comunicação social, contrastando com a cobertura que é efectuada a actividades similares levadas a cabo por algumas das mais populares associações ambientalistas e cujo cômputo final é, na maior parte das vezes, substancialmente inferior.

participação, pela ambiência proporcionada pelo convívio com milhares de escuteiros (nacionais e estrangeiros) e pelas experiências vivenciadas no decurso das actividades.²² O gosto pelo acampamento evidenciado pelos rapazes e pelas raparigas não passou despercebido a Baden-Powell (1976: 73), demonstrado de forma expressiva na seguinte passagem:

"O *acampamento* não pode deixar de arrebatrar todo o rapaz com a sua vida ao ar livre e sabor sertanejo, com os seus expedientes culinários improvisados, os jogos através dos bosques ou da charneca, o seguimento de pistas, a orientação, o pioneirismo, as pequenas privações e os alegres cantares do fogo de conselho" (itálico no original).

Quadro IV.10
Actividades que os inquiridos mais gostam de participar

| 1ª Opção | 2ª Opção | 3ª Opção |
|---|---|---|
| Actividades de âmbito Nacional (acamp. nacional, Rover, encontros escutistas oficiais, acções de formação, ...) | <i>Raides</i> , caminhadas, montanhismo, ... | <i>Raides</i> , caminhadas, montanhismo, ... |
| Acampamentos no âmbito do agrupamento (de agrupamento, de unidade/ secção...) | Actividades de âmbito Nacional (acamp. nacional, Rover, encontros escutistas oficiais, acções de formação, ...) | Festas escutistas, <i>fogos de conselho</i> , festas com os familiares e a comunidade |
| <i>Raides</i> , caminhadas, montanhismo, ... | Actividades aquáticas, descidas de rios em jangadas, canoagem, ... | Actividades de âmbito Nacional (acamp. nacional, Rover, encontros escutistas oficiais, acções de formação, ...) |

No seguimento, a variável configurada no quadro IV.11 reporta-se ao número de noites de campo como escuteiro, tendo em conta que por noite de campo se considera o espaço de 24 horas em que se permanece acampado, em contacto com a natureza e no decurso de uma actividade. Os intervalos considerados, atingido o limite superior, conferem ao jovem

²²

O autor deste texto teve a oportunidade de participação em dois acampamentos nacionais, nomeadamente Sesimbra (1982) e Bagunte - Vila do Conde (1987), e guarda gratas recordações desses acontecimentos.

escuteiro o direito de ostentar no uniforme a insígnia correspondente e desta forma, conhecendo-se a respectiva cor, constitui um sinal distintivo da experiência como campista. Para além disto, do ponto de vista da nossa análise, esta variável constitui igualmente um indicador da regularidade das actividades de ar livre ao longo do percurso do escuteiro. E assim, os dados são indiciadores de uma experiência de campo considerável, atendendo a que pelo menos 44% dos inquiridos têm mais de 75 noites de campo e que a categoria *mais de 100 noites* é a mais representada nesta distribuição.

Quadro IV.11
Noites de campo como escuteiro

| Nº de noites | n | % |
|-----------------------|-----|-------|
| Até 25 noites | 18 | 4,4 |
| 26 – 50 noites | 77 | 19,0 |
| 51 – 75 noites | 68 | 16,7 |
| 76 – 100 noites | 67 | 16,5 |
| Mais de 100 noites | 113 | 27,8 |
| Não sabe/Não responde | 63 | 15,5 |
| TOTAL | 406 | 100,0 |

Inerente à metodologia escutista e constituindo desde a sua génese uma preocupação central, a educação ambiental assume uma importância decisiva nas dinâmicas do movimento, instituindo-se mesmo como o principal "cartão de visita" do escutismo. Ao longo da história do movimento muitos milhões de crianças e de jovens foram socializados no gosto e no respeito pela natureza, pelo que não nos é difícil aceitar o seu lugar pioneiro e de vanguarda no desenvolvimento de uma consciência ecológica à escala global. Aliás, se o cenário actual do ambiente tem colocado sérias preocupações à comunidade internacional e tendo-se, nomeadamente, apontado a educação ambiental como a melhor solução para reverter hábitos e comportamentos individuais e colectivos, então poder-se-á afirmar que "não há dúvida alguma que o Escutismo tem o seu lugar neste género

de acções" (CNE, 1994: 19). Mas se os problemas ambientais são hoje uma preocupação que ultrapassam as esferas local e nacional, anteve-se, por conseguinte, um papel central para o escutismo neste domínio de acção, atendendo sobretudo à sua implantação a nível global. O escutismo, tal como preconiza Opie (1999: ix) ao sublinhar a sua vocação para as questões ambientais,

"é uma rede global unida e sem vínculos políticos, composta por jovens interessados e sempre prontos a intervir de forma decisiva e, desde as suas origens, tem a natureza como principal preocupação. É um movimento global que reconhece a importância do espírito humano (que está à frente de todos os esforços ambientais) e está equipado com a metodologia necessária para aprender activamente através do serviço".

Nesta perspectiva, procurámos recolher a avaliação dos caminheiros sobre o papel que a OMME e do CNE no capítulo ambiental. Desde logo, pela observação do quadro IV.12 não restam dúvidas quanto à avaliação positiva efectuada pelos inquiridos, tendo o CNE, no entanto, uma apreciação menos vincada do que a OMME, com cerca de 8% dos jovens a considerarem o seu papel negativo ou muito negativo no capítulo ambiental. Seja como actor colectivo na promoção de uma consciência ecológica activa, seja como movimento educativo que procura na natureza a sua inspiração para a acção, o escutismo tende a erigir a natureza como um dos seus maiores atractivos, pois permite aos jovens "viver experiências humanas fundamentais, isto é, experiências que fazem parte do património comum da humanidade" (Bénard, 1991: 12).

Quadro IV.12
Avaliação do desempenho da Organização Mundial do
Movimento Escutista e do CNE no capítulo do ambiente

| | OMME | | CNE | |
|------------------------|------|------|-----|------|
| | n | % | n | % |
| Muito positivo | 81 | 20,0 | 63 | 15,5 |
| Positivo | 244 | 60,1 | 240 | 59,1 |
| Neutro | 69 | 17,0 | 67 | 16,5 |
| Negativo | 9 | 2,2 | 27 | 6,7 |
| Muito negativo | 1 | 0,2 | 4 | 1,0 |
| Não sabe/ Não responde | 2 | 0,5 | 5 | 1,2 |
| TOTAL | 406 | 100 | 406 | 100 |

Para terminar a caracterização da experiência dos escuteiros no domínio do contacto com o ar livre, solicitámos aos inquiridos que procedessem a uma espécie de balanço, numa escala percentual, sobre o cariz das actividades em que participavam, se mais de *ar livre* se mais de *espaço interior* (nomeadamente a sede). Por conseguinte, o quadro IV.13 reflecte essa ponderação, do qual podemos concluir que: a) existe um equilíbrio percentual entre as actividades de exterior e interior para 24,1% dos inquiridos; b) para 63,4 % dos caminheiros mais de metade das actividades ocorrem em espaço interior; c) apesar de as actividades ao ar livre se desenrolarem preferencialmente no decurso das férias escolares, cerca de um quinto destes jovens afirma que pelo menos 70% das suas actividades são passadas ao ar livre. Perante estes dados, e tendo já sublinhado que o ar livre e a natureza são o contexto por excelência do escutismo, cabe-nos perguntar se para muitos estas actividades não serão a única forma de participação no movimento, fazendo supor algum alheamento de outras actividades, porventura, não tão apelativas e realizadas mais no interior. Mas pode também significar, na assunção plena das propostas do fundador, que "os caminheiros formam uma fraternidade do *Ar Livre para Servir*" (Baden-Powell, 1974: 232; *itálico no original*).

Quadro IV.13
Actividades realizadas ao ar livre

| Percentagem de actividades realizadas ao ar livre | n | % |
|--|----------|----------|
| 10% | 7 | 1,7 |
| 20% | 11 | 2,7 |
| 30% | 59 | 14,5 |
| 40% | 83 | 20,4 |
| 50% | 98 | 24,1 |
| 60% | 47 | 11,6 |
| 70% | 43 | 10,6 |
| 80% | 27 | 6,7 |
| 90% | 10 | 2,5 |
| NS/NR | 21 | 5,2 |
| TOTAL | 406 | 100 |

A resposta a esta dúvida pode estar impressa na distribuição dos dados apresentados no quadro IV.14. A pertinência deste quadro não se resume, apenas, à apreensão da regularidade participativa do caminheiro nas várias esferas de acção desta etapa do escutismo, mas constitui de igual forma um indicador sobre o modo como se traduz no tempo e no espaço das actividades escutistas a vivência da proposta pedagógica da IV^a secção. De facto, a informação proporcionada por este quadro sugere uma série de interpretações que tanto podem indiciar o bom funcionamento da metodologia escutista no caminheirismo, como pode igualmente servir para relançar o debate sobre esta etapa no escutismo, tida como problemática para a continuidade dos jovens no movimento.²³ A elevada frequência de

23

Aliás esta preocupação está bem vinculada na "introdução" à Metodologia Educativa da IV^a secção, onde os autores afirmam que: "a presente obra, propõe-se revelar os métodos e processos que permitam, hoje, eliminar o maior número de 'lenços vermelhos' perdidos no caminho, e assim evitar ao nosso movimento, continuar numa aventura sem objectivo" (CNE, 1993: 5; aspas no original).

actividades semanais decorridas no plano individual levanta-nos algumas dificuldades interpretativas, sobretudo quando se perspectiva o modelo de funcionamento desta secção e que pressupõe a ancoragem numa unidade colectiva, designada de "clã", que define e orienta as lógicas de funcionamento das actividades, estando estas normalmente enquadradas por uma proposta orientadora da acção denominada de "caminhada". É certo que a dinâmica do clã também admite espaço para a realização de "iniciativas e acções tanto a nível de Equipa como a nível individual" (cf. CNE, 1993: 10), pelo que as respostas dos inquiridos só podem ser entendidas se, por um lado, tal significar a prevalência das acções individuais sobre todas as outras, dando por exemplo relevo apenas ao cumprimento do sistema de progresso do caminheiro; se por outro lado, não existirem condições para o funcionamento do clã como secção autónoma²⁴ — o que constitui uma realidade em muitos agrupamentos — e nesta situação os caminheiros são colocados ao serviço de outras secções mais jovens; ou então, ainda por outro lado, este termo "individualmente" ser percepcionado pelos jovens como o contributo que cada um dá no seio do clã e no desempenho dos diferentes cargos em que cada um está investido na equipa a que pertence. Os dados sobre os restantes domínios da acção, concretamente a equipa e o clã, já não constituem obstáculos à interpretação, pois, pelo que acabámos de dizer, representam as estruturas básicas de funcionamento da metodologia educativa do caminheirismo:

"é no jogo das Equipas, na dinâmica de pequeno grupo dentro de cada uma delas e na interacção destas no seio do Clã, que se põe em prática toda a riqueza e potencial educativo do Sistema de Patrulhas, que é a coluna vertebral da pedagogia escutista. A

24

Inserimos no nosso inquérito uma questão que pretendia indagar se o clã do agrupamento dos inquiridos funcionava como as demais secções, com uma equipa de animação específica e com actividades próprias. As respostas dos caminheiros foram em 88,9% dos casos afirmativas, pelo que aquele cenário não se observou.

Equipa é a base da vida do Caminheiro, da verdadeira amizade que deve reinar entre os seus membros" (CNE, 1993: 10).

Quadro IV.14
Frequência da participação em Actividades Escutistas

| | NS/NR | Semanalmente | | Mensalmente | | Às Vezes | | Nunca | |
|-------------------------------|-------|--------------|------|-------------|------|----------|------|-------|-----|
| | | n | % | n | % | n | % | n | % |
| 1. individualmente | 5,9 | 269 | 66,3 | 22 | 5,4 | 69 | 17,0 | 22 | 5,4 |
| 2. equipa | 4,7 | 254 | 62,6 | 67 | 16,5 | 56 | 13,8 | 10 | 2,5 |
| 3. clã | 4,2 | 238 | 58,6 | 87 | 21,4 | 61 | 15,0 | 3 | 0,7 |
| 4. agrupamento | 3,7 | 108 | 26,6 | 143 | 35,2 | 140 | 34,5 | -- | -- |
| 5. outras unidades do agrup.º | 13,8 | 36 | 8,9 | 44 | 10,8 | 250 | 61,6 | 20 | 4,9 |
| 6. Região / Núcleo | 9,6 | 6 | 91,5 | 15 | 3,7 | 330 | 81,3 | 16 | 3,9 |

Entroncando com o que acabamos de redigir, impunha-se dar sequência ao significado que estes jovens conferiam à fase actual da experiência escutista, não só com o intuito de apreender os sentidos específicos do "ser caminheiro", mas igualmente para compreendermos até que ponto as suas representações não se traduziriam num indicador de conflito e de problematização face às propostas e às práticas educativas constitutivas da dinâmica da IVª secção. Se aceitarmos a validade das respostas agrupadas no quadro IV.15, isto é, se estas não traduzirem meramente uma conformidade em relação ao padrão idealizado, mas, pelo contrário, nos revelarem a subjectivização das vivências do caminheirismo, então, face às tendências inequívocas registadas em redor do que significa "ser caminheiro", podemos concluir pela interiorização bem sucedida da matriz do movimento e, muito provavelmente, pela integração pacífica nas lógicas de acção desta etapa específica do escutismo. Tendo em linha de conta que

"o clã é assim uma Unidade de jovens adultos, em busca da maturidade plena e que deve funcionar como uma comunidade de amigos que se ajudam a conhecer-se a si mesmos, a conhecer e descobrir o meio em que vivem, para o qual vão estar disponíveis, servindo fraternalmente, sem descurar o seu progresso

(enriquecimento individual e comunitário), ajudando a descobrir a sua vocação e apoiando-se no compromisso da promessa" (CNE, 1993: 9);

por conseguinte, ao recuperarmos deste quadro em análise os enunciados 4, 5, 9 e 13, onde se denota uma tendência mais vincada quer para a concordância quer para a discordância, poderíamos afirmar, com toda a propriedade, que o caminheirismo é um período de desenvolvimento pessoal e social, de construção de uma autonomia responsável, no qual os valores da Igreja e do escutismo jogam um papel preponderante. Pela refutação peremptória dos enunciados 5 e 15 (onde se procurava retirar importância à experiência juvenil no escutismo), assim como a clara discordância evidenciada nos enunciados 10 e 8 (pelos quais se sugeria um menor interesse pelo caminheirismo, sendo este uma fase de maior egocentrismo), pode-se, então, deduzir que para estes jovens o escutismo se afigura como uma experiência significativa de vida, e numa altura em que supostamente se processa a transição para a idade adulta, marcada cada vez mais pelo avolumar das incertezas e das expectativas face ao futuro, o caminheirismo tende a prefigurar-se como um possível referencial da acção. No fundo, e recuperando o pensamento do fundador, "o fim da educação Caminheira é auxiliar os jovens a tornar-se Cidadãos (Felizes, Saudáveis e Úteis) e dar a cada um a possibilidade de se preparar para uma carreira que lhe seja útil" (Baden-Powell, 1974: 242).

Quadro IV.15
Opinião sobre o significado de Caminheiro (%)

| Sentidos de Caminheirismo | Concordo Totalmente | Concordo | Sem Opinião Formada | Discordo | Discordo Totalmente |
|---|----------------------------|-----------------|----------------------------|-----------------|----------------------------|
| 1. É apenas uma etapa no escutismo para jovens com mais de 17 anos de idade (n=398) | 1,5 | 11,8 | 6,2 | 47,5 | 31,0 |
| 2. Um período de preparação do escuteiro jovem para mais tarde assumir as funções do dirigente (n=399) | 6,4 | 52,5 | 9,1 | 25,9 | 4,4 |
| 3. Uma etapa onde o escuteiro pode construir mais livremente a sua versão do escutismo (n=394) | 19,5 | 47,0 | 16,7 | 12,3 | 1,5 |
| 4. Um período de amadurecimento pessoal e social orientado pelos valores da Igreja e do escutismo (401) | 50,0 | 42,9 | 3,9 | 1,7 | 0,2 |
| 5. O período onde se descobre que o escutismo não faz nenhum sentido (n=396) | -- | 1,7 | 3,7 | 12,8 | 79,3 |
| 6. Uma oportunidade para se aprofundar a importância do escutismo na educação para a cidadania democrática (n=397) | 16,5 | 50,2 | 26,4 | 3,9 | 0,7 |
| 7. Um período de aprofundamento do sentido de Deus e da fé (n=397) | 20,9 | 62,1 | 10,6 | 2,5 | 1,7 |
| 8. Um período onde o escuteiro se deve preocupar mais consigo do que com os outros (n=397) | 1,7 | 6,2 | 3,4 | 32,5 | 53,9 |
| 9. Uma etapa pensada para os jovens descobrirem o sentido da autonomia responsável, do ponto de vista pessoal e colectivo (n=397) | 43,6 | 47,5 | 5,7 | 0,5 | 0,5 |
| 10. Uma etapa menos atraente no escutismo por não ter tantas actividades como nas outras secções (n=399) | 1,0 | 3,4 | 6,9 | 39,9 | 47,0 |
| 11. A etapa no escutismo onde os jovens demonstram todo o seu potencial de serviço aos outros (n=397) | 36,2 | 49,8 | 8,1 | 3,0 | 0,7 |
| 12. O período de despedida do escutismo (n=394) | 0,5 | 5,9 | 10,3 | 39,9 | 40,4 |
| 13. Um percurso onde os valores do escutismo nos ajudam a enfrentar os escolhos (dificuldades) do dia-a-dia (n=398) | 31,5 | 58,6 | 6,4 | 1,2 | 0,2 |
| 14. Um período de reflexão sobre os futuros papéis sociais que o jovem assumirá quando se tornar adulto (n=399) | 23,2 | 57,6 | 15,0 | 2,2 | 0,2 |
| 15. Um período desaproveitado no escutismo por não ajudar a reflectir sobre os problemas do jovens (n=399) | 0,7 | 2,5 | 5,4 | 28,3 | 61,3 |

Neste percurso no caminheirismo o jovem vai passado por várias etapas (sistema de progresso) tendo em vista a construção do "Homem Novo". Tal como pretendia Baden-Powell, também agora se procura "não só formar 'um bom escuteiro' de acordo com as normas e a moral, mas também formar um 'Homem' com ideias próprias, coerente consigo próprio e aberto aos outros" (CNE, 1993: 47; aspas no original). Assim, o aspirante ou noviço depara-se com 3 etapas a percorrer durante a sua caminhada, muito

embora estas etapas sejam precedidas por "um momento de reflexão/acção" (id., ibid.) denominado por fase de *adesão*. De acordo com os dados por nós recolhidos (cf. quadro IV.16), encontravam-se 22 jovens nesta situação, o que corresponde na maior parte dos casos ao período de transição e de adaptação às dinâmicas educativas da IVª secção e no qual se lhes pede que reafirmem o compromisso com o CNE e com o movimento escutista. Nesta fase pede-se ao jovem que se conheça a si próprio, já que a etapa subsequente (a *autonomia*) se institui como a etapa do saber: "saber mais coisas sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o Homem Novo" (ibid.: 48).

Quadro IV.16
Localização no Sistema de Progresso da IV Secção

| | duração da etapa | n | % |
|---|------------------|-----|------|
| 1. Fase de Adesão | 3/6 meses-1 ano | 22 | 5,4 |
| 2. 1ª etapa – Insígnia de Bronze / Autonomia | 1 ano | 233 | 57,4 |
| 3. 2ª etapa – Insígnia de Prata / Responsabilidade | 1 ano | 93 | 22,9 |
| 4. 3ª etapa – Insígnia de Ouro / Animação-Liderança | 1 ano | 32 | 7,9 |
| Não sabe/não responde | — | 26 | 6,4 |
| TOTAL | | 406 | 100 |

Constatando que a maioria dos caminheiros presentes em Drave se situavam neste ponto do sistema de progresso (57,4%) e se tomarmos em consideração que o sujeito constitui privilegiadamente o "campo de acção" desta etapa, talvez, agora, se possa compreender, em parte, a elevada frequência de respostas observadas no quadro IV.14 a propósito das actividades realizadas semanalmente sob o plano de acção individual. As últimas duas etapas tendem a ser perspectivadas pelo deslocamento para as dimensões mais colectivas da acção, em que o "fazer com os outros" dará lugar a uma atitude de "fazer com os outros para os outros" (*responsabilidade*), culminando no "fazer fazer, partilhando os seus conhecimentos com os outros", atitude inerente à última etapa de progresso

(*animação / liderança*) (ibid.). Cerca de 30% dos caminheiros inquiridos encontravam-se nestas duas etapas.

Uma das dimensões mais relevantes do escutismo é a que releva do artigo 4.º da *Lei do Escuta* e que professa que “o escuta é amigo e irmão de todos os outros escutas”. Como fundamento desta predisposição axiológica para a acção, Baden-Powell (1929: 75) apontava que

“part of the Scout creed is that as members of the Movement, bound by the same Law and the same Promise under a common ideal, they are members of a great Brotherhood”.

Assim sendo, subjacente à ideia de construção desta *grande fraternidade* o fundador do escutismo pretendia “contribuir eficazmente para garantir a futura paz no mundo por meio da mútua boa vontade” (Baden-Powell, 1975: 233). Ora, sabendo da importância simbólica de pertencer a esta *fraternidade* mundial escutista, procurámos saber se os caminheiros mantinham contactos regulares com outros escuteiros para além do agrupamento (quadro IV.17), quais os meios mais utilizados (quadro IV.18) e a regularidade com que o faziam (quadro IV.19). Deste modo ficámos a saber que cerca de 80% dos inquiridos refere a existência desses contactos, que são preferentemente estabelecidos pela *internet* e pelo telefone e mais frequentemente ocorrem com escuteiros de outros agrupamentos locais.

Quadro IV.17
Contactos regulares com outros escuteiros
para além do agrupamento

| | n | % |
|-------|-----|------|
| SIM | 323 | 79,6 |
| NÃO | 78 | 19,2 |
| NS/NR | 5 | 1,2 |
| TOTAL | 406 | 100 |

Quadro IV.18
Meios mais utilizados nos contactos com outros escuteiros

| Meios de contacto | n | % |
|---------------------------|-----|------|
| 1. Por correio postal | 87 | 21,4 |
| 2. Pela <i>internet</i> | 179 | 44,1 |
| 3. Pelo telefone | 176 | 43,3 |
| 4. Visitas/ intercâmbio | 89 | 21,9 |
| 5. Via radioamador | 2 | 0,5 |
| 6. Acampamentos conjuntos | 154 | 37,9 |
| 7. Outro | 36 | 8,9 |

Quadro IV.19
Regularidade dos contactos com outros escuteiros

| | NS/NR | Regularidade dos contactos | | | | | |
|--|-------|----------------------------|------|----------|------|-------|------|
| | | Frequentes | | Às vezes | | Nunca | |
| | | n | % | n | % | n | % |
| 1. Com escuteiros de outros agrup. locais | 27,1 | 187 | 46,1 | 95 | 23,4 | 14 | 3,4 |
| 2. Com escuteiros da minha Região/ Núcleo | 24,1 | 151 | 37,2 | 152 | 37,4 | 5 | 1,2 |
| 3. Com escuteiros de diferentes partes do país | 26,8 | 43 | 10,6 | 218 | 53,7 | 36 | 8,9 |
| 4. Com escuteiros de outros países da Europa | 32,3 | 2 | 0,5 | 61 | 15,0 | 212 | 52,2 |
| 5. Com escuteiros de outros países do Mundo | 32,0 | 6 | 1,5 | 33 | 8,1 | 237 | 58,4 |

Refira-se ainda a realização de acampamentos conjuntos como um dos meios mais referidos para trocas de experiências entre os caminheiros. O quadro IV.19 é, todavia, aquele que mais informações nos fornece, sendo de realçar a reduzida troca de experiências com escuteiros de outros países da Europa e do Mundo. E neste aspecto, aquela *fraternidade* mundial apenas se traduz pela comunhão da matriz identitária do escutismo, estando aquém da regularidade de contactos que se suporia existir dentro da filosofia de acção do movimento. No entanto, é também admissível que estes contactos tendam a aumentar, não só pela participação em actividades de carácter internacional (*jamborees*, *rover moots*, acampamentos nacionais com participação estrangeira, etc.) que têm ocorrido com alguma frequência, mas

igualmente com as possibilidades que as novas tecnologias da informação e da comunicação vieram trazer, quer no que respeita ao plano das diversas interacções pessoais, quer no que concerne à maior participação em actividades colectivas tais como os *jamborees pela internet* (joti).

Para encerrar este ponto sobre a experiencição do modelo escutista tentaremos seguidamente dar conta de algumas imagens que normalmente se associam ao escutismo e que nós propusémos aos inquiridos no intuito de, através deles, apreendermos o que pensavam do movimento os seus amigos não escuteiros. Sabendo de antemão que as relações de sociabilidade dos caminheiros não se esgotam no escutismo e porque muitas destas relações tendem a produzir alguma instabilização no sentido de pertença ao movimento, as imagens apresentadas no quadro IV.20 constituem, por isso mesmo, um olhar reflectido e reflexivo dos inquiridos, pois resulta da incorporação das representações dos seus pares sobre a sua prática escutista e traduz-se, simultaneamente, num exercício de demarcação identitária face à pluralidade de sentidos com que estes jovens se confrontam no quotidiano.

Com efeito, a imagem predominante que emerge do quadro IV.20 remete-nos para uma espécie de *onús* que o movimento tende a suportar pelo facto de estar ligado à Igreja Católica. De facto, mesmo reconhecendo-se o interesse do movimento escutista, a gradual secularização da sociedade portuguesa e a cristalização de algumas representações menos favoráveis em torno da religião tendem a sobrepôr-se na construção da sua imagem pública, inclusive e particularmente entre determinados grupos juvenis. Mas igualmente pertinente é o facto de se subsumir nestas respostas uma certa ideia de auto-fechamento da organização escutista, não transparecendo para o exterior o potencial educativo de que se reveste o escutismo. A valorização da experiência escutista pelos próprios caminheiros e a sua influência na construção das identidades destes jovens, acaba por não se repercutir na produção de um reconhecimento público que não se circunscreva meramente ao campo dos lazeres e dos

tempos livres. Obviamente esta imagem pública, não sendo hegemónica, torna-se mais provável à medida que nos afastamos dos círculos onde o movimento mais se tende a afirmar. No entanto, não deixa de merecer atenção o contraste que esse menor reconhecimento público acarreta quando nos lembramos das finalidades instituídas no escutismo, isto é, a preocupação em educar / formar cidadãos activos e participativos. Tendo acima relevado a importância do escutismo na educação ambiental, estranhámos observar no quadro IV.20 que os amigos dos escuteiros não tenham reconhecido a relevância do movimento neste capítulo, sendo mesmo a opinião menos valorizada. Uma vez mais a vivência intrínseca do espírito escutista parece sobrepôr-se a preocupações com a construção de uma imagem publicamente relevante do movimento, o que nos leva a concluir que para estes actores é mais importante o processo de subjectivação da acção do que propriamente a publicitação da consecução dos objectivos da acção.

Quadro IV.20
Opinião dos amigos não-escuteiros sobre o escutismo

| Opiniões | n | % |
|--|-----|------|
| 1. Não passa de um grupo de jovens ligados à Igreja | 35 | 8,6 |
| 2. É apenas uma forma de ocupar os tempos-livres | 56 | 13,8 |
| 3. Um grupo de jovens sempre disposto a prestar bons serviços à comunidade | 52 | 12,8 |
| 4. Uma associação de juventude com um grande papel educativo | 30 | 7,4 |
| 5. Uma organização de juventude interessante, mas que é pena estar ligada à Igreja | 83 | 20,4 |
| 6. Uma associação juvenil com destaque na educação ambiental | 9 | 2,2 |
| 7. Um grupo de <i>meninos sonsinhos</i> | 20 | 4,9 |
| 8. Um grupo de rapazes e raparigas que anda sempre de mochila às costas | 39 | 9,6 |
| 9. Um grupo de jovens que por vezes organiza actividades culturais e recreativas | 22 | 5,4 |
| 10. Outra | 20 | 4,9 |
| 11. Não sabe / Não responde | 40 | 9,9 |
| TOTAL | 406 | 100 |

E se o que acabámos de dizer nos parece claro, mais ainda se torna com a leitura do quadro IV.21. Solicitando aos caminheiros que indicassem o contributo do escutismo para a construção de uma sociedade melhor, os resultados apontaram de forma vincada para o item que referia "a formação moral e cívica dos jovens" (35%), secundado, a alguma distância, pela valorização do item "o desenvolvimento de cidadãos activos e participativos" (18,7%). Poder-se-iam ainda apontar os contributos que sublinharam "a metodologia pedagógica e educativa criada por Baden-Powell" (11,6%) e "a construção do espírito de fraternidade entre os povos" (10,3%), o que por si só reflecte o reconhecimento dos valores fundacionais do escutismo para uma concepção de sociedade mais justa e mais humana. No fundo, pelo menos do ponto de vista da verbalização dos valores, denota-se uma interiorização bem sucedida da matriz axiológica do escutismo e a actualização quotidiana das propostas educativas enunciadas há um século por Baden-Powell.

Quadro IV.21
Contributos do escutismo para a construção de uma sociedade melhor

| Contributos mais significativos | n | % |
|---|------------|------------|
| 1. A formação moral e cívica dos jovens | 142 | 35,0 |
| 2. A consciência ambiental e a preservação da natureza | 21 | 5,2 |
| 3. Aprofundamento do sentido da solidariedade | 15 | 3,7 |
| 4. Responsabilização dos jovens na vida democrática do país | 7 | 1,7 |
| 5. O desenvolvimento de cidadãos activos e participativos | 76 | 18,7 |
| 6. O preenchimento de algumas lacunas educativas da escola | 5 | 1,2 |
| 7. O desenvolvimento saudável das aptidões físicas dos jovens | – | – |
| 8. A construção do espírito de fraternidade entre os povos | 42 | 10,3 |
| 9. A aposta na valorização dos jovens face aos "perigos" que os ameaçam | 28 | 6,9 |
| 10. A metodologia pedagógica e educativa criada por B.P. | 47 | 11,6 |
| 11. O aprofundamento da relação dos jovens com Deus | 5 | 1,2 |
| 12. Outra | 3 | 0,7 |
| 13. Não sabe/ Não responde | 15 | 3,7 |
| TOTAL | 406 | 100 |

7. Representações sociais dos caminheiros

Ao dedicarmos uma parte significativa do inquérito por questionário ao domínio das representações sociais, era nosso objectivo central apreender a forma como estes jovens conferem sentido às suas acções, ou dito de outro modo, indagar os modos de experienciação do social, desde as esferas mais imediatas da família, da escola, dos amigos, do escutismo, como igualmente, o campo mais abrangente do trabalho e emprego, da religião e dos processos de globalização das sociedades. Interessa, sobretudo, explorar possíveis relações entre a vivência do modelo escutista e o desenvolvimento de determinadas atitudes, representações e práticas sociais neste grupo específico de jovens escuteiros, de forma a debater o grau e a natureza dos possíveis efeitos formativos e educativos deste contexto específico de educação não-escolar. Neste seguimento, identificar qual o lugar do escutismo no que respeita ao desenvolvimento educativo dos jovens inquiridos tornou-se numa questão estruturante face aos nossos propósitos teóricos e empíricos.

7.1. A importância do escutismo no desenvolvimento educativo e formativo dos jovens

Partindo da consideração de diversos contextos / instituições de socialização (família, grupo de amigos, escola, escutismo, igreja, clube / associação desportiva, associação cultural / ambiental) procurámos saber como os inquiridos avaliavam o seu papel ao nível de três dimensões estruturantes do processo de desenvolvimento educativo, designadamente a dimensão *intelectual* (relativa à aquisição de conhecimentos), a dimensão *moral e ética* (relativa aos valores) e a dimensão *relacional* (relacionada com a natureza das relações sociais). O quadro IV.22 apresenta os resultados

apurados, numa escala de 1 (importância mínima) a 5 (importância máxima), para as três esferas do desenvolvimento educativo.

Quadro IV.22
Avaliação da importância de diversos contextos educativos no desenvolvimento educativo/formativo dos escuteiros inquiridos

| DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL (Aquisição de conhecimentos) | | | | | | | |
|--|---------------|----------|----------|----------|----------|---------------|--------------|
| Instituição/ contexto | Mínimo | | | | | Máximo | |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | NS/NR | Média |
| 1. Família | 1 | 16 | 101 | 178 | 107 | 3 | 3,93 |
| 2. Grupo de amigos | 4 | 55 | 193 | 122 | 24 | 8 | 3,27 |
| 3. Escola | 1 | 9 | 43 | 154 | 195 | 4 | 4,33 |
| 4. Escutismo | 1 | 13 | 89 | 197 | 101 | 5 | 3,96 |
| 5. Igreja | 36 | 107 | 153 | 84 | 18 | 8 | 2,85 |
| 6. Clube/ associação desportiva | 110 | 106 | 81 | 29 | 5 | 75 | 2,133 |
| 7. Assoc. cultural/ ambiental | 69 | 61 | 110 | 44 | 14 | 108 | 2,574 |
| DESENVOLVIMENTO MORAL E ÉTICO (Valores) | | | | | | | |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | NS/NR | Média |
| 1. Família | 1 | 6 | 33 | 131 | 230 | 5 | 4,45 |
| 2. Grupo de amigos | 12 | 77 | 171 | 113 | 23 | 10 | 3,15 |
| 3. Escola | 16 | 61 | 162 | 133 | 25 | 9 | 3,23 |
| 4. Escutismo | 0 | 4 | 24 | 159 | 213 | 6 | 4,45 |
| 5. Igreja | 9 | 42 | 103 | 159 | 85 | 8 | 3,68 |
| 6. Clube/ associação desportiva | 103 | 116 | 76 | 27 | 6 | 78 | 2,14 |
| 7. Assoc. cultural/ ambiental | 73 | 62 | 105 | 44 | 11 | 111 | 2,52 |
| DESENVOLVIMENTO RELACIONAL (Relações sociais) | | | | | | | |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | NS/NR | Média |
| 1. Família | 3 | 24 | 102 | 153 | 117 | 7 | 3,89 |
| 2. Grupo de amigos | 0 | 4 | 56 | 156 | 179 | 9 | 4,28 |
| 3. Escola | 4 | 23 | 110 | 174 | 87 | 8 | 3,79 |
| 4. Escutismo | 0 | 2 | 15 | 126 | 258 | 5 | 4,59 |
| 5. Igreja | 24 | 92 | 162 | 81 | 34 | 13 | 3,02 |
| 6. Clube/associação desportiva | 66 | 67 | 107 | 64 | 14 | 109 | 2,72 |
| 7. Assoc. cultural/ ambiental | 63 | 49 | 107 | 64 | 14 | 109 | 2,72 |

Quer olhando para os resultados dispostos ao longo da escala quer recorrendo à média obtida para cada contexto, é possível retirar algumas ilacções importantes: os diversos contextos de socialização desempenham,

na opinião dos inquiridos, distintas contribuições para o seu desenvolvimento educativo, depreendendo-se mesmo uma espécie de vocação específica inerente a cada um daqueles contextos — à escola reconhecem a função primordial do *desenvolvimento intelectual*; à família e ao escutismo o desenvolvimento *ético e moral*; por fim, novamente ao escutismo a responsabilidade primeira pelo desenvolvimento relacional (cf. Quadro IV.22).

Os resultados obtidos são inequívocos quanto à consciência que estes jovens têm acerca do grau de influência que cada um destes contextos exerce sobre a sua formação integral, sendo de destacar a centralidade do contexto escutista nas três esferas consideradas: a intelectual, a moral e ética e a relacional. O quadro IV.23 procura justamente sinalizar o contributo dos diversos contextos de socialização para o desenvolvimento educativo, posicionando-os numa espécie de *ranking*, de modo a podermos visualizar os seus lugares nas dimensões consideradas. Assim, o contexto escutista emerge como aquele que mais contribuiu para o desenvolvimento global dos jovens, sendo apontado em primeiro lugar tanto na dimensão ética / moral (a par da família) como na dimensão relacional, aparecendo em segundo lugar, no domínio intelectual. Mas se esta visão positiva da importância do escutismo no percurso educativo e formativo dos jovens não deixa de estar directamente relacionada com a natureza das vivências proporcionadas, no tempo, por este contexto de educação não-escolar, por outro lado, pode encontrar outros fundamentos em factores extrínsecos ao próprio movimento. Quando verificamos, por exemplo, que a escola, uma das instituições centrais da sociedade actual, ocupa apenas o primeiro lugar na esfera *intelectual*, posicionando-se nos outros dois níveis no penúltimo lugar, somos tentados a admitir que face à *crise* do modelo escolar no que respeita ao desenvolvimento ético / moral e relacional, outras instâncias de socialização (alternativas e complementares) vão ocupando esse lugar e instituindo-se progressivamente como incontornáveis modelos referenciais da acção.

Quadro IV.23
Avaliação da importância de diversos contextos educativos no desenvolvimento educativo/ formativo (RESUMO)

| DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL | | |
|--------------------------------------|--------------|-----------------|
| Grau de importância | Média | Contexto |
| 1º | 4,33 | Escola |
| 2º | 3,96 | Escutismo |
| 3º | 3,93 | Família |
| 4º | 3,27 | Grupo de amigos |
| 5º | 2,85 | Igreja |
| DESENVOLVIMENTO MORAL E ÉTICO | | |
| 1º | 4,45 | Família |
| 2º | 4,45 | Escutismo |
| 3º | 3,68 | Igreja |
| 4º | 3,23 | Escola |
| 5º | 3,15 | Grupo de Amigos |
| DESENVOLVIMENTO RELACIONAL | | |
| 1º | 4,59 | Escutismo |
| 2º | 4,28 | Grupo de Amigos |
| 3º | 3,89 | Família |
| 4º | 3,79 | Escola |
| 5º | 3,02 | Igreja |

A tendência global destes resultados suscita, por outro lado, o regresso ao debate sobre a actualidade dos contextos de socialização convencionalmente considerados na Sociologia da Educação. Por outras palavras, e recuperando parte da nossa argumentação avançada no capítulo precedente, entre os contextos de *socialização primária* e de *socialização secundária* propostos por Berger & Luckmann (1990), emergem nas sociedades modernas outros campos significativos de experiência social e educativa, que não só tendem a instituir-se como *novos* contextos modeladores dos percursos de vida dos jovens, como tendem a rivalizar com as tradicionais células da família e da escola, reconfigurando-lhes o

sentido, a natureza e a força axiológico-normativa culturalmente enraizada. Entre os muitos contextos de socialização / educação não-escolar de que falamos, o caso do escutismo tem o condão de constituir um movimento juvenil secular, para além de integrar, a nível mundial e nacional, o maior contingente de jovens de entre todos os movimentos juvenis. Mais a mais, ao contrário de outros contextos de socialização juvenil de pertença mais ou menos compulsiva (escola, actividades de tempos livres, Igreja), o escutismo apresenta a particularidade de ser de natureza voluntária e ainda fortemente apoiado e enquadrado pelas culturas familiares. Como salientámos atrás, a entrada destes jovens no movimento escutista não só foi impulsionada pelos seus familiares (muitos dos quais também pertenceram ao movimento — para a ideia de reprodução social do movimento), como a sua permanência pode ter sido influenciada pela visão claramente *muito positiva* (60,1%) e positiva (31,3) que eles deduzem que os seus pais têm em relação ao movimento (cf. Quadro IV.24).

Quadro IV.24
Como vêm os pais a pertença ao escutismo

| | n | % |
|------------------------|-----|------|
| 1. Muito positiva | 244 | 60,1 |
| 2. Positiva | 127 | 31,3 |
| 3. Indiferente | 20 | 4,9 |
| 4. Negativa | 7 | 1,7 |
| 5. Muito negativa | — | — |
| Não sabe/ Não responde | 8 | 2,0 |
| TOTAL | 406 | 100 |

Não estranha, por isso, que em face deste enquadramento familiar convergente com o modelo escutista, a maioria dos jovens inquiridos confessem a sua vontade e expectativa de não abandonar o movimento no futuro (63,1% - cf. Quadro IV.25), não obstante, se prefigurar a curto prazo um cenário marcado pelas perspectivas de *transição para a vida adulta* no duplo

sentido: por um lado, a conclusão da escolaridade formal e a integração no mercado de trabalho e, por outro lado, o fim do percurso no escutismo, enquanto jovens participantes, e a eventual transição para o mundo (adulto) dos dirigentes escutistas.

Quadro IV.25
Continuidade no escutismo

| | n | % |
|------------------|-----|------|
| SIM | 256 | 63,1 |
| NÃO | 16 | 3,9 |
| Ainda não decidi | 134 | 33,0 |
| TOTAL | 406 | 100 |

7.2. A escola e o escutismo

A apreensão dos sentidos das representações dos caminheiros sobre um determinado conjunto de dimensões da vida social constitui, efectivamente, uma dimensão investigativa fundamental para a compreensão sociológica dos processos de construção individual e colectiva dos percursos de vida destes jovens. O acesso às suas “visões do mundo” permite-nos compreender tanto os sentidos das suas opiniões, posicionamentos morais, éticos, ideológicos e políticos face ao mundo, como deduzir analiticamente a natureza das lógicas de acção prevaletentes na vida quotidiana. Sendo a escola uma das instituições / contextos centrais e estruturantes das vidas dos jovens, interessa conhecer as opiniões que os caminheiros têm acerca da função e do lugar que aquele contexto educativo ocupa no quadro mais vasto da sociedade portuguesa.

O quadro IV.26 apresenta a distribuição global dos resultados a um conjunto de proposições operacionalizadas com o recurso a uma escala de tipo Likert (*concordo totalmente; concordo, sem opinião formada, discordo e discordo totalmente*), sendo possível traçar as tendências dominantes em

termos do grau de concordância e em termos do grau de discordância. Se, num primeiro exercício analítico, somarmos os itens da concordância (*concordo totalmente* + *concordo*) e da discordância (*discordo* + *discordo totalmente*), obtemos uma primeira imagem global das principais tendências de resposta dos jovens inquiridos. Nesta linha de raciocínio, uma primeira observação a merecer registo diz respeito à constatação de ausência de opinião (*sem opinião formada*) de aproximadamente 30% dos inquiridos a um grupo restrito de proposições, designadamente quando se lhes pede para tomarem posição sobre se a escola corresponde ou não aos interesses dos jovens (proposição 1 – 29,9%) e, de uma forma mais vinculada, sobre a própria democraticidade do sistema escolar, quer ao nível da sua função de promoção da igualdade de oportunidades (proposições 10 – 29,3% e 14 – 27,1%) quer no domínio da aprendizagem dos valores democráticos e participativos (proposição 6 – 28,1%).

De interesse mais significativo para este trabalho, identificamos como opinião dominante entre estes jovens inquiridos uma visão da educação não exclusivamente restrita à esfera escolar e uma visão de escola não compaginável apenas à componente instrutiva. Senão vejamos, de entre as proposições que reuniram maior consenso ao nível da concordância foi, respectivamente, a de que “a educação global do jovem deve contemplar outras aprendizagens e outros saberes fora da escola” (93,9% de sentido para a concordância); e “a função social dos professores não se limita só à transmissão dos conhecimentos e à sua posterior avaliação” (84,7% de sentidos para a concordância) associada a uma outra opinião que reitera a afirmação de que “a educação fornecida na escola é sobretudo uma educação livresca e de transmissão de conhecimentos” (72,9% de sentido para a concordância). Não obstante esta imagem hegemónica de que a educação não se esgota na escola e de que esta ainda se encontra muito voltada para o domínio da instrução, os mesmos jovens reconhecem maioritariamente (84,5% de sentidos para a concordância) que “apesar de algumas opiniões, o que se aprende na escola é útil para a formação

profissional dos jovens” e que “a escola e os professores desempenham um papel importante na educação para a cidadania” (72,9% de sentidos para a concordância).

Quadro IV.26
Opinião dos inquiridos sobre a escola e a educação escolar

| A escola e a educação escolar | Concordo Totalmente | Concordo | Sem Opinião Formada | Discordo | Discordo Totalmente |
|--|----------------------------|-----------------|----------------------------|-----------------|----------------------------|
| 1. A educação praticada nas escolas já não corresponde aos interesses dos jovens de hoje (n=396) | 3,0 | 36,7 | 29,9 | 34,7 | 2,2 |
| 2. A escola é a mais importante instituição de educação existente na sociedade (n=396) | 9,1 | 43,3 | 9,1 | 33,0 | 3,0 |
| 3. A escola é sobretudo valorizada pelos jovens como um local de convívio e de amizades (n=398) | 7,6 | 54,7 | 15,5 | 19,2 | 1,0 |
| 4. A educação fornecida na escola é sobretudo uma educação livresca e de transmissão de conhecimentos (n=399) | 18,2 | 54,7 | 12,3 | 12,8 | 0,2 |
| 5. Apesar de algumas opiniões, o que se aprende na escola é útil para a formação profissional dos jovens (n=399) | 23,2 | 61,3 | 6,9 | 6,4 | 0,5 |
| 6. A escola é um excelente lugar de aprendizagem dos valores democráticos e participativos (n=398) | 3,9 | 36,7 | 28,1 | 27,3 | 2,0 |
| 7. A educação global do jovem deve contemplar outras aprendizagens e outros saberes fora da escola (n=399) | 61,1 | 32,8 | 3,2 | 1,2 | – |
| 8. A função social dos professores não se limita só à transmissão dos conhecimentos e à sua posterior avaliação (n=397) | 39,4 | 45,3 | 8,4 | 3,9 | 0,7 |
| 9. A escola não prepara convenientemente o jovem para o mercado de trabalho (n=398) | 21,7 | 45,3 | 17,0 | 13,1 | 1,0 |
| 10. A escola é a instituição social que mais promove a igualdade de oportunidades (n=399) | 1,5 | 22,4 | 29,3 | 38,9 | 6,2 |
| 11. De um modo geral, os professores não são sensíveis a outros saberes que não os escolares (n=397) | 8,4 | 41,9 | 18,7 | 27,6 | 1,2 |
| 12. A escola funciona como um meio de integração social para os mais desfavorecidos e para as minorias sociais e étnicas (n=397) | 1,2 | 30,5 | 24,9 | 34,5 | 6,7 |
| 13. A escola e os professores desempenham um papel importante na educação para a cidadania (n=397) | 9,4 | 63,5 | 14,3 | 9,9 | 0,7 |
| 14. A educação escolar favorece quem já tem mais oportunidades na vida (n=398) | 8,6 | 35,5 | 27,1 | 24,9 | 2,0 |

A representação dominante entre os jovens inquiridos de que a escola apenas se limita a cumprir uma das dimensões do desenvolvimento

educativo (a dimensão instrutiva / intelectual), não deixa de ser coerente com os sentidos das discordâncias das respostas, que genericamente se reportam à incapacidade democratizadora da escola, aos níveis da promoção da igualdade de oportunidades e da incapacidade de integrar socialmente os mais desfavorecidos e as minorias sociais e étnicas. Com efeito, as proposições que reuniram um maior grau de discordância foram, respectivamente, “a escola é a instituição social que mais promove a igualdade de oportunidades” (45,1% de sentidos para a discordância) e “a escola funciona como um meio de integração social para os mais desfavorecidos e para as minorias sociais e étnicas” (41,2% de sentidos para a discordância). Sendo certo que os caminheiros inquiridos conferem uma particular importância às dimensões éticas, morais e relacionais do desenvolvimento educativo, desde logo ao referirem-se positivamente aos saberes adquiridos fora da escola e ao *acusarem* a escola de falhar na sua missão democratizadora, julgamos oportuno conhecer a visão destes jovens em torno das relações possíveis e/ ou desejáveis entre a escola e o escutismo.

O quadro IV. 27 indica os sentidos das respostas face a um conjunto de proposições que procuram pôr em confronto possíveis relações entre a escola e o escutismo, de modo a compreender qual o posicionamento dominante dos caminheiros sobre esta matéria. Se bem que o número de inquiridos sem opinião formada tenha aumentado significativamente nesta questão (alcançando mais de 40% em duas proposições sobre a adopção nas escolas do método escutista), mesmo assim, é possível identificar uma opinião dominante sobre este assunto. As três proposições que geraram um mais elevado grau de concordância são reveladoras de um posicionamento enfaticamente valorizador do escutismo, enquanto contexto de *vanguarda* educativa (“Do ponto de vista de uma educação ambiental, o escutismo suplanta largamente a escola” - 84,2% de sentidos para a concordância), enquanto estímulo e *rampa* catalizadora dos desafios da escola (“a minha experiência no escutismo permite-me tirar melhor partido da escola - 72,9%

de sentidos para a concordância) e enquanto modelo pedagógico susceptível de ser transposto para a esfera escolar (“sinto que se os professores fossem tão acessíveis e amigos como os dirigentes do escutismo eu gostaria mais da escola” - 64,5% de sentidos para a concordância).

Quadro IV.27
Opinião dos inquiridos sobre a escola e o escutismo

| A escola e o escutismo | Concordo Totalmente | Concordo | Sem Opinião Formada | Discordo | Discordo Totalmente |
|---|---------------------|----------|---------------------|----------|---------------------|
| 1. De uma maneira geral, os professores valorizam o facto de eu estar no escutismo (n=401) | 2,5 | 31,0 | 32,8 | 28,1 | 4,4 |
| 2. A escola é um espaço de convívio e de amizades mais agradável que o escutismo (n=400) | 0,5 | 4,9 | 12,8 | 61,3 | 19,0 |
| 3. Sinto que se os professores fossem tão acessíveis e amigos como os dirigentes do escutismo eu gostaria mais da escola (n=401) | 14,0 | 50,5 | 21,7 | 11,8 | 0,7 |
| 4. A minha experiência no escutismo permite-me tirar melhor partido da escola (n=399) | 12,8 | 60,1 | 17,5 | 7,6 | 0,2 |
| 5. Acho que, globalmente, o meu envolvimento no escutismo prejudica o meu rendimento escolar (n=401) | 1,0 | 11,1 | 8,4 | 49,0 | 29,3 |
| 6. De um modo geral, a postura dos dirigentes do escutismo é uma imitação da postura dos professores (n=400) | 1,2 | 5,4 | 12,3 | 55,9 | 23,6 |
| 7. A educação praticada na escola sempre contemplou as propostas pedagógicas inerentes ao escutismo (n=399) | 1,2 | 15,8 | 44,1 | 31,5 | 5,7 |
| 8. A sociedade actual exige outras formas de educação (não formal/ não escolar) e o escutismo é a organização juvenil melhor preparada para o fazer (n=398) | 19,0 | 53,0 | 19,7 | 5,9 | 0,5 |
| 9. Era desejável que escola e o escutismo trabalhassem em conjunto (n=400) | 12,3 | 42,4 | 23,9 | 16,7 | 3,2 |
| 10. Do ponto de vista de uma educação ambiental, o escutismo suplanta largamente a escola (n=400) | 36,9 | 47,3 | 8,9 | 5,4 | – |
| 11. A escola só teria a ganhar se adoptasse a metodologia pedagógica do escutismo (n=399) | 7,9 | 32,0 | 41,4 | 15,8 | 1,2 |
| 12. A escola desenvolve uma educação de valores mais plural e aberta que o escutismo (n=400) | 2,7 | 12,6 | 27,8 | 44,1 | 11,3 |

Denota-se do sentido destas respostas o reconhecimento da eficácia do modelo escutista, quer no capítulo do ambiente quer no domínio pedagógico, perpassado por uma certa convicção de que “era desejável que

a escola e o escutismo trabalhassem em conjunto” (54,7% de sentidos para a concordância). Não deixa de ser curioso verificar que a experiência escutista parece criar e potenciar nestes jovens um sentido de pertença mais intenso do que a conseguida pela própria escola, bem evidente na reacção de discordância às proposições que põem em causa o envolvimento, o espírito e a originalidade do movimento: “a escola é um espaço de convívio e de amizades mais agradável que o escutismo” (80,3% de sentidos para a discordância); “de um modo geral, a postura dos dirigentes do escutismo é uma imitação da postura dos professores” (79,5% de sentidos para a discordância); “acho que, globalmente, o meu envolvimento no escutismo prejudica o meu rendimento escolar” (78,3% de sentidos para a discordância).

Do ponto de vista dos sentidos dominantes das representações, designadamente da valorização dos valores éticos, morais e relacionais bem evidente na forma como os caminheiros *olham* e conferem sentido à educação e a escola actual, é possível deduzir a presença de duas lógicas prevaletentes no domínio das orientações destes jovens, na esteira de Dubet (1996a): a *lógica da integração*, voltada para a defesa de valores e ideais de natureza identitária e democrática e a *lógica da subjectivação*, expressa pela forma como os caminheiros atribuem um sentido subjectivo à sua própria vivência escutista, elegendo-a como um espaço-tempo de potencial valor educativo e pedagógico.

7.3. O trabalho e o emprego

Encontrando-se a grande maioria dos caminheiros inquiridos no fim do percurso escolar, impunha-se conhecer as suas representações sobre uma das etapas fundamentais da passagem à vida adulta – a entrada no mercado de trabalho. A partir de um grupo de questões centradas na problemática do trabalho e do emprego, pretendíamos explorar,

fundamentalmente, as percepções, as atitudes e as expectativas destes escuteiros face ao mundo profissional, de modo a conseguir destringir tanto os valores orientadores do seu projecto de vida como as lógicas representacionais por eles mobilizadas a propósito da vida profissional.

Com a excepção de algumas proposições relacionadas com as possíveis causas do desemprego actual, que geraram nos inquiridos uma certa indefinição na opinião (situada aproximadamente nos 30%), o posicionamento geral em relação a grande parte das afirmações revela a existência de opiniões relativamente consensuais entre estes caminheiros. Entre as proposições que reuniram um mais elevado grau de concordância encontram-se aquelas que salientam as *vantagens competitivas* da educação enquanto processo global e as questões relacionadas, uma vez mais, com a democratização social e a responsabilização do Estado na promoção do emprego. Denota-se uma clara consciência entre os inquiridos de que “é cada vez mais necessário recorrer à formação ao longo da vida, para garantir um lugar no mercado de trabalho” (89,2% de sentidos para a concordância), assim como a crença na importância dos saberes adquiridos fora da escola, quando partilham a opinião de que “um trabalhador deve valer por todo o seu percurso de vida e não só pela formação escolar que detém (84,8% de sentidos para a concordância). Esta valorização das dimensões globais da educação não só parece traduzir o reconhecimento da importância do percurso escutista nas suas formações pessoais, como pode ser vista igualmente como uma manifestação expressiva do próprio espírito e identidade escutista, no sentido em que configura uma certa forma de estar e de perceber o mundo. De resto estas representações dominantes reflectem, em termos de matriz axiológica de referência, uma forte presença de valores de natureza societária e democrática, expressos pela defesa convicta de que “o Estado deve ter sempre grandes responsabilidades na promoção e criação de emprego” (81,8% de sentidos para a concordância), ou de que “ter um emprego é um direito universal de cidadania” (80,1% de sentidos para a concordância), e ainda, de uma forma

muito significativa a crítica ao facto de que “o mundo de trabalho tende a valorizar em demasia as competências técnicas e não tanto as outras competências (éticas, morais, sociais) (71,9% de sentidos para a concordância).

Os sentidos destas representações sobre o trabalho e o emprego vêm de encontro aos resultados de outras investigações realizadas no âmbito da juventude portuguesa (cf. Pais 1998a, 1998b)) sobretudo ao evidenciar uma visão que se enquadra nos ideais do modelo de Estado-Providência (e assistencialista), modelo esse que não deixou de constituir para estes inquiridos (e seus familiares) uma matriz fundamental de socialização cultural. Numa situação de incerteza e de imprevisibilidade quanto ao seu futuro profissional, regista-se uma tendência dominante para a conformação destes jovens com as tradicionais estruturas de reprodução, fenómeno já bem estudado no campo da sociologia da juventude. Por outro lado, esta visão social e democrática do mundo do trabalho poderá igualmente traduzir a influência dos ideais e valores escutistas (a solidariedade, a entre-ajuda, a cidadania, o respeito pelo outro) na formação pessoal dos caminheiros, podendo isto significar que o modelo pedagógico escutista de auto-formação e de auto-descoberta a partir da ajuda dos outros, com os outros e para os outros, contribui efectivamente para o desenvolvimento de atitudes solidárias e de combate ao individualismo. Note-se a este propósito, que a única proposição que gerou um sentimento de discordância considerável entre os inquiridos se referia justamente à imputação meramente individual da responsabilidade do desemprego: “a responsabilidade pelo desemprego é sobretudo das pessoas, pois não adquiriram as competências e as formações necessárias para o mercado de trabalho” (55,4% de sentidos para a discordância).

Quadro IV.28
Opinião dos inquiridos sobre o trabalho, o emprego e a globalização

| O trabalho e o emprego | Concordo Totalmente | Concordo | Sem Opinião Formada | Discordo | Discordo Totalmente |
|--|----------------------------|-----------------|----------------------------|-----------------|----------------------------|
| 1. Já não faz sentido falar em emprego para toda a vida (n=402) | 10,8 | 39,9 | 20,0 | 22,7 | 5,7 |
| 2. A responsabilidade pelo desemprego é sobretudo das pessoas, pois não adquiriram as competências e as formações necessárias para o mercado de trabalho (n=397) | 1,5 | 22,2 | 18,7 | 48,0 | 7,4 |
| 3. É cada vez mais necessário recorrer à formação ao longo da vida, para garantir um lugar no mercado de trabalho (n=398) | 38,7 | 50,5 | 6,4 | 2,0 | 0,5 |
| 4. Há muito desemprego porque as pessoas não são empreendedoras, não se arriscam a criar o seu próprio local de trabalho (n=399) | 3,7 | 33,3 | 28,6 | 30,3 | 2,5 |
| 5. O ensino e a formação profissional no nosso país não corresponde aos níveis de exigência da actual sociedade da informação (n=397) | 15,0 | 45,3 | 24,4 | 12,8 | 0,2 |
| 6. É o mercado que deve resolver naturalmente os problemas do desemprego e dos empregos precários (n=393) | 1,2 | 27,1 | 32,8 | 32,8 | 3,0 |
| 7. Os actuais trabalhadores deverão ser flexíveis, com competências que lhes permitam efectuar diferentes funções (n=391) | 12,8 | 55,2 | 17,2 | 10,3 | 0,7 |
| 8. O Estado deve ter sempre grandes responsabilidades na promoção e criação do emprego (n=393) | 26,4 | 55,4 | 10,8 | 3,9 | 0,2 |
| 9. O Estado deve assegurar aos excluídos do mercado de trabalho os meios para o seu posterior reingresso (n=393) | 18,0 | 58,4 | 15,3 | 4,9 | 0,2 |
| 10. Um trabalhador deve valer por todo o seu percurso de vida e não só pela formação escolar que detém (n=394) | 29,1 | 55,7 | 9,9 | 2,5 | – |
| 11. Ter um emprego é um direito universal de cidadania (n=396) | 33,3 | 46,8 | 12,6 | 4,4 | 0,5 |
| 12. Não se pode pedir a um ser humano que participe activamente na construção da democracia, quando esta lhe nega o direito fundamental do trabalho (n=393) | 15,5 | 39,9 | 26,1 | 15,0 | 0,2 |
| 13. O problema principal do desemprego actual é as empresas multinacionais se deslocarem para países onde se produz mais barato, muitas vezes desrespeitando os direitos humanos (n=396) | 19,7 | 43,1 | 21,9 | 12,3 | 0,5 |
| 14. O mundo de trabalho tende a valorizar em demasia as competências técnicas e não tanto as outras competências (éticas, morais, sociais) (n=395) | 18,0 | 53,9 | 19,5 | 5,7 | 0,2 |
| 15. Os empregadores valorizam demasiado a experiência profissional, o que constitui um entrave à inserção profissional dos jovens trabalhadores (n=394) | 16,0 | 47,5 | 21,4 | 11,1 | 1,0 |

As expectativas dos caminheiros em relação à vida profissional vêm reforçar as interpretações acima avançadas, ao parecerem reflectir a transposição de alguns princípios norteadores do movimento escutista para a forma de encarar projectivamente a vida profissional. Isto é, ressaltam como traços dominantes das expectativas face à vida profissional, um certo gosto pela aprendizagem ao longo da vida, expresso pela afirmação “gostaria de alternar entre a actividade profissional e a formação profissional” (66,7% de respostas positivas), o culto pelo espírito de aventura e capacidade de iniciativa, bem patente nas afirmações “gostaria de ter várias experiências profissionais em empresas e locais distintos” (62,1%), “gostaria de construir uma carreira profissional numa só profissão embora passando por várias organizações /empresas” (59,4%) e “gostaria de me estabelecer por conta própria” (53,0%).

Quadro IV.29
Expectativas dos inquiridos quanto à vida profissional (n=406)

| | SIM % | NÃO % | NS/NR % |
|--|------------------|------------------|--------------------|
| 1. Gostaria de construir uma carreira profissional numa só profissão embora passando por várias organizações/ empresas | 59,4 | 33,0 | 7,6 |
| 2. Gostaria de ter uma só profissão numa empresa/ organização | 34,7 | 56,7 | 8,6 |
| 3. Gostaria de fazer parte dos quadros de uma empresa/ organização mesmo que isso implique mudar de função/ actividade | 25,4 | 64,3 | 10,3 |
| 4. Gostaria de ter várias experiências profissionais em empresas e locais distintos | 62,1 | 29,1 | 8,9 |
| 5. Gostaria de alternar entre a actividade profissional e a formação profissional | 66,7 | 24,4 | 8,9 |
| 6. Gostaria de me estabelecer por conta própria | 53,0 | 37,9 | 9,1 |
| 7. Gostaria de continuar a desenvolver as actividades profissionais da família | 25,1 | 62,3 | 12,6 |
| 8. Gostaria de alternar entre longos períodos de actividade profissional e longos períodos de férias | 42,9 | 46,1 | 11,1 |
| 9. Gostaria de poder viver sem precisar de desempenhar uma actividade profissional | 20,9 | 70,2 | 8,9 |
| 10. Outra situação | 2,5 | 0,7 | 96,8 |

Esta visão dinâmica, diversificada e empreendedora do futuro profissional partilhada pela maioria dos caminheiros inquiridos é denunciadora de uma atitude face ao trabalho assente sobretudo na realização profissional (39,2%), como podemos confirmar pelos resultados obtidos no quadro IV.30.

Quadro IV.30
Atitude dos inquiridos perante o trabalho

| Entendo o trabalho como | n | % |
|---|-----|------|
| 1. Um meio de realização pessoal | 159 | 39,2 |
| 2. Uma forma de desenvolvimento das capacidades individuais | 22 | 5,4 |
| 3. Uma forma de ganhar dinheiro | 49 | 12,1 |
| 4. Um contributo para o desenvolvimento do país | 18 | 4,4 |
| 5. Uma forma de passar o tempo | 3 | 0,7 |
| 6. Uma forma de desempenhar actividades para o bem comum | 32 | 7,9 |
| 7. Uma forma de promoção social | 1 | 0,2 |
| 8. Uma possibilidade de conhecer outras pessoas | – | – |
| 9. Um meio para assegurar a subsistência | 51 | 12,6 |
| 10. Uma forma de me sentir útil | 24 | 5,9 |
| 11. Uma forma de me exprimir como cidadão | 18 | 4,4 |
| 12. Outra | 10 | 2,5 |
| 13. Não sabe/Não responde | 19 | 4,7 |
| TOTAL | 406 | 100 |

De igual forma, voltando outra vez ao quadro precedente, podemos ainda acrescentar que estes jovens não conseguem conceber o seu projecto pessoal de vida fora da esfera do trabalho, já que 70,2% rejeita a ideia de que “gostaria de poder viver sem precisar de desempenhar uma actividade profissional”. Ao conferirem um valor intrínseco ao trabalho, coerente com a própria ética religiosa e escutista, tendem correlativamente a rejeitar uma concepção de trabalho meramente tecnicista, oportunista e instrumental – 64,3% não se revê na ideia de que “gostaria de fazer parte dos quadros de uma empresa / organização mesmo que isso implique mudar de função / actividade. Depreende-se deste sentido de resposta tanto uma necessidade

de conferir significado ao projecto de vida profissional como um sentimento de não acomodação ao estabelecido. Aliás, quando 62,3% dos caminheiros refere que não “gostaria de continuar a desenvolver as actividades profissionais da família” ou que não “gostaria de ter uma só profissão numa empresa / organização” (56,7%), estão a revelar, respectivamente, a necessidade de autonomia da esfera familiar e a necessidade de mudança e mobilidade profissionais.

Se por um lado, o perfil de jovem-trabalhador que sobressai destes resultados parece encaixar adequadamente na actual configuração do mercado de trabalho, designadamente ao nível das exigências de mobilidade, rotatividade, espírito de iniciativa, entrega e auto-confiança, por outro lado, e paradoxalmente, no campo dos valores finais que conferem sentido à prática profissional julgamos estar em presença de um perfil (axiológico) claramente em contra-corrente com as lógicas competitivas, individualistas e socialmente exclusivas, ditadas pelo mercado de trabalho.

7.4. O processo de globalização

Sendo considerado um dos traços centrais e incontornáveis das sociedades modernas, o processo de globalização tem condicionado as mais diversas esferas da vida social, com efeitos visíveis no quotidiano das pessoas em geral e nas condições de vida dos jovens em particular. Aferir a sensibilidade dos caminheiros relativamente a alguns dos aspectos estruturantes do processo de globalização impôs-se como uma dimensão de análise sociologicamente pertinente, sobretudo por estar em causa o estudo de um movimento de afirmação mundial / global, com um *ethos* cristalizado na construção de sujeitos como verdadeiros “cidadãos do mundo”. Quisemos saber, em primeiro lugar, se os caminheiros sabiam (ou jogavam saber) o que significa globalização. A constatação pouco surpreendente do sentido das respostas (86,9% de respostas positivas),

não deixa, entretanto, de merecer uma confrontação com a identificação da natureza das dimensões percebidas pelos caminheiros dessa conhecida globalização.

Quadro IV.31
Sabe o que significa globalização?

| | n | % |
|-----------------------|-----|------|
| SIM | 353 | 86,9 |
| NÃO | 40 | 9,9 |
| Não sabe/Não responde | 13 | 3,2 |
| TOTAL | 406 | 100 |

A observação das médias das respostas registadas no quadro IV.32 permite-nos aceder às representações dos caminheiros sobre os aspectos mais positivos e mais negativos do processo de globalização. De entre os aspectos que contaram com uma avaliação mais positiva, destacam-se aqueles que estão relacionados com a expansão das novas tecnologias e dos meios de comunicação de massa associada ao desenvolvimento de novas formas de trabalho (por exemplo, o teletrabalho), à intensificação da circulação no mundo das trocas comerciais e dos capitais e à maior facilidade de acesso a bens de consumo. A valorização destas dimensões por parte destes jovens, para além de reflectir a sua condição de sujeitos-objectos deste processo de globalização, concretamente nas dimensões tecnológicas e de consumo, pode também ser entendida como mais um efeito de uma socialização no e para o movimento, designadamente no que concerne à apologia de uma fraternidade mundial assente nos valores comuns do escutismo.

Quadro IV.32
Avaliação da globalização no quotidiano das pessoas e na sociedade
 (5=Muito positivo; 1=Muito negativo)

| | Média |
|---|-------|
| 1. Expansão de uma <i>cultura global</i> comum de tipo americana (jeans, <i>Coca-Cola</i> , <i>McDonald's</i> , ...) | 2,35 |
| 2. Os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias de informação transformaram o mundo numa <i>aldeia global</i> | 3,69 |
| 3. Abolição das fronteiras e a perda gradual de soberania dos vários Estados-Nação | 3,02 |
| 4. A <i>internet</i> permitiu criar novas formas de participação e de mobilização sociais | 4,01 |
| 5. As trocas comerciais e os capitais intensificaram a sua circulação no mundo | 3,43 |
| 6. As empresas multinacionais deslocam-se para países onde a mão-de-obra é mais barata | 2,18 |
| 7. Graças à produção mais barata nos países asiáticos, os jovens europeus (por ex.) podem ter acesso a bens de consumo mais baratos (calças, ténis, etc.) | 2,57 |
| 8. Aumentou a tendência para o consumo, sendo possível aos jovens de várias partes do mundo terem acesso a bens iguais ou idênticos | 3,13 |
| 9. É cada vez mais o mercado (e menos o Estado) que regula as várias esferas da vida social | 2,63 |
| 10. Os poderes de decisão tendem a deslocar-se para entidades fora dos países e os governos isoladamente têm cada vez menor influência nas decisões que afectam os cidadãos | 2,38 |
| 11. Declínio do papel da política e aumento de influência da esfera económica | 2,51 |
| 12. A televisão tornou-se o meio de comunicação social mais influente e decisivo nas várias esferas da vida social | 2,87 |
| 13. A produtividade, a competitividade e a <i>performance</i> tornaram-se valores centrais com o processo de globalização | 2,82 |
| 14. Aparecimento de movimentos sociais anti-globalização | 2,98 |
| 15. A designada <i>nova economia</i> introduziu novas formas de trabalho (por ex. teletrabalho) | 3,44 |

De entre os aspectos considerados mais negativos, os caminheiros elegeram os relacionados com as lógicas economicistas e concorrenciais do mercado internacional (como a deslocalização das empresas e a exploração de mão-de-obra infantil), com a perda de protagonismo dos governos nacionais e, com a tendência para homogeneização cultural e *americanização* das sociedades actuais. Não deixa de ser curioso verificar que sendo os jovens os principais veículos (e objectos) de alguns ícones da globalização (jeans, *coca-cola*, *McDonalds*), se verifique entre estes escuteiros um posicionamento ora reservado ora tendencialmente negativo em relação à “expansão de uma cultura global comum de tipo americana”.

Socializados num modelo educativo conferidor de uma identidade precisa, fortemente arreigado às especificidades do local e aos valores humanos, a ameaça da massificação, da desumanização, da homogeneização e da consequente perda da identidade (nacional, regional e local) afigura-se a estes jovens como um dos aspectos mais temidos da globalização.

Quadro IV.33
Prioridades para uma acção global conjunta na era da globalização

| | n | % |
|--|-----|------|
| 1. Aumento do fosso entre os mais ricos e os mais pobres | 249 | 61,3 |
| 2. Acentuar dos riscos ambientais e degradação da natureza | 230 | 56,7 |
| 3. Aparecimento de novas formas de exclusão e marginalidade social | 102 | 25,1 |
| 4. (Re)surgimento de nacionalismo e fundamentalismos religiosos | 60 | 14,8 |
| 5. Desenvolvimento de sentimentos de racismo e de xenofobia | 115 | 28,3 |
| 6. Surgimento de novas formas de criminalidade e expansão de redes de tráfico internacionais | 136 | 33,5 |
| 7. Flagelo da sida e das doenças sexualmente transmissíveis | 113 | 27,8 |
| 8. Surgimento de outros conflitos armados (para além dos anteriormente existentes) | 88 | 21,7 |
| 9. Desmantelamento dos regimes de protecção social | 29 | 7,1 |
| 10. Outras | 2 | 0,5 |

Quando questionados sobre quais as preocupações que deveriam constituir as prioridades em termos de acção global conjunta, voltam a incidir nas suas respostas as vertentes de natureza democrática, social humanista e ambiental. De entre um conjunto de proposições sugeridas, as opções dos caminheiros recaíram sobre as preocupações ligadas às desigualdades sociais (“aumento do fosso entre os mais ricos e os mais pobres” – 61,3%), às questões de natureza ambiental (“acentuar dos riscos ambientais e degradação da natureza” – 56,7%), às preocupações com o aumento da criminalidade e o tráfico internacional (33,5%), entre outras preocupações de menor frequência estatística.

7.5. A juventude e as imagens juvenis

A análise dos sentidos de juventude deduzida das tendências observadas no quadro IV.34 proporciona-nos algumas pistas de reflexão sobre aquilo que poderíamos designar de uma *consciência sociológica sobre a própria condição social*. Ou por outras palavras, os indícios aqui recolhidos poder-nos-iam transportar para a noção de *reflexividade social*, tão cara à compreensão sociológica do actual quadro da modernidade. De facto, uma abordagem genérica daqueles dados impele-nos, num primeiro momento, para a suposição de que o conhecimento produzido nos últimos tempos sobre os jovens portugueses parece não ser alheio aos caminheiros que inquirimos, na medida em que as suas respostas tendem a aproximar-se do sentido de algumas asserções sociológicas mais mediatizadas pela comunicação social e por outros operadores simbólico-ideológicos.

O investigador ao oferecer ao inquirido o conjunto de enunciados que constituíram a questão, pode, por conseguinte, não ter salvaguardado a distância entre a extensividade teórica do instrumento construído e as circunstâncias reflexivas a que o inquirido foi submetido. Mas também se pode admitir que os caminheiros estivessem na posse de uma grelha de leitura da realidade juvenil, que lhes permitiu mais facilmente traduzir nos itens formulados os sentidos sociológicos da condição actual da juventude. Relembremos, entretanto, que estamos em presença de caminheiros, cuja metodologia educativa enfatiza a análise e a compreensão dos processos de transição para a idade adulta, que esta fase no escutismo significa a reflexão e preparação para uma vida responsável e nas suas agendas escutistas são frequentes os encontros / reuniões de reflexão (tais como o *cenáculo*), onde se debatem temas da actualidade não apenas compagináveis ao escutismo. Mesmo assim, atendendo à configuração deste tipo de questões que normalmente sujeitam o inquirido a uma tensão reflexiva, os dados apurados permitiram igualmente detectar algumas

contradições sobretudo quando tomamos o conjunto dos 15 itens na sua globalidade, assim como demonstraram alguma indecisão quanto à natureza de algumas destas proposições ao optarem pela modalidade de resposta “Sem opinião formada”.

Assim sendo, a observação atenta do quadro IV.34 revela-nos, em primeira instância, o *lugar comum* de que a juventude actual se situa num período de transição entre a infância e a idade adulta (item 7), sendo, todavia, uma representação que se tende a aproximar do sentido sociológico de *condição social*, em que o alargamento da escolaridade e as dificuldades percepcionadas de inserção no mercado de trabalho (itens 2 e 3) constituem dimensões estruturantes. A estas acresce a consciência de que a independência económica constitui o primeiro passo para se aceder à idade adulta (item 12). O sentido de concordância constatado no item 6 (“a juventude difere muito segundo a classe social a que se pertence”) permite-nos, por exemplo, deduzir com clareza a sensibilidade dos jovens para as diferentes possibilidades de vivência juvenil de acordo com as distintas origens sociais – e nesta óptica se articula o sentido conferido ao item 14, ao admitir-se que o abandono da escola para trabalhar pode privar determinado tipo de jovens de serem jovens.

Para além destas representações mais vincadas, o olhar destes jovens sobre a sua própria figuração permite-nos outras leituras nem sempre coincidentes e por vezes contraditórias com esta, o que até pode propiciar uma espécie de exercício de provocação de um senso-comum juvenil ao conhecimento sociológico instalado. Assim, parece ser mais ou menos claro para os caminheiros que a juventude, para além de se constituir como categoria social, também se explica por razões biológicas (item 5), o que já não acontece quando se aduz o critério etário para balizá-la (entre os 15 e os 25 anos), isto é, a tendência para a concordância e a tendência para a discordância tendem a equiparar-se no item 1, com ligeira vantagem para esta última.

Quadro IV.34
Opinião dos inquiridos sobre os sentidos da juventude (%)

| Sentidos de juventude | Concordo Totalmente | Concordo | Sem Opinião Formada | Discordo | Discordo Totalmente |
|--|---------------------|----------|---------------------|----------|---------------------|
| 1. A juventude é uma categoria etária que se situa entre os 15 e os 25 anos (n=403) | 3,2 | 39,4 | 11,1 | 35,5 | 7,9 |
| 2. A juventude aparece com mais evidência na sociedade desde que a escolaridade se alargou (n=391) | 7,1 | 54,2 | 20,4 | 13,3 | 1,2 |
| 3. A juventude cada vez mais prolonga-se pelas dificuldades de ingresso no mercado de trabalho (n=393) | 6,9 | 53,9 | 19,7 | 15,8 | 0,5 |
| 4. Surge uma Secretaria de Estado (ou Ministério) da Juventude porque os problemas dos jovens aumentaram (n=386) | 5,7 | 38,4 | 30,5 | 20,0 | 0,5 |
| 5. A juventude não é só uma categoria social, é também uma categoria explicada por razões biológicas (n=382) | 5,9 | 53,0 | 26,1 | 8,9 | 0,2 |
| 6. A juventude difere muito segundo a classe social a que se pertence (n=382) | 11,3 | 49,3 | 16,0 | 14,0 | 3,4 |
| 7. A juventude é um período de transição entre a infância e a idade adulta (n=386) | 11,3 | 52,7 | 9,6 | 20,0 | 1,5 |
| 8. A juventude foi construída com a ajuda dos <i>mass media</i> (n=384) | 2,0 | 26,6 | 29,6 | 31,5 | 4,9 |
| 9. O <i>cartão-jovem</i> é um verdadeiro bilhete de identidade da juventude (n=385) | 3,0 | 28,8 | 20,9 | 35,5 | 6,7 |
| 10. A juventude não é senão um estado de espírito (n=385) | 23,6 | 31,5 | 11,8 | 23,6 | 4,2 |
| 11. A juventude é uma espécie de <i>noviciado</i> onde se conquistam os papéis e os direitos dos adultos (n=382) | 3,7 | 39,2 | 28,1 | 21,9 | 1,2 |
| 12. A independência económica é o primeiro passo para se aceder à idade adulta (n=385) | 7,1 | 43,3 | 14,3 | 27,6 | 2,7 |
| 13. Não é correcto falar de juventude no singular, mas juventudes no plural (n=383) | 6,4 | 37,9 | 35,7 | 12,1 | 2,5 |
| 14. Há jovens que nunca foram jovens porque cedo saíram da escola para trabalhar (n=380) | 9,4 | 45,1 | 14,5 | 21,9 | 2,7 |
| 15. O conceito de juventude aplica-se mais aos jovens que estudam do que aos que já trabalham (n=385) | 3,9 | 23,2 | 14,5 | 42,9 | 10,3 |

Por sua vez, demonstraram a sua discordância quando confrontados com a hipótese de que a noção de juventude estaria mais apropriada aos jovens estudantes do que aos jovens trabalhadores (item15). Não estranha, por isso, que, por entre toda esta problematização a que os inquiridos foram submetidos, o outro *lugar comum* para definir juventude (esta *não é senão um estado de espírito*) tenha emergido como um dos enunciados que maior concordância reuniu entre eles. Para terminar, registre-se o facto de se ter

verificado a maior percentagem de inquiridos *sem opinião formada* no enunciado que propunha uma representação plural de juventude (item 13), não obstante os caminheiros tenderem a aceitá-la.

Quando confrontamos os caminheiros com um conjunto de imagens juvenis socialmente difundidas nos mais diversos campos da vida social, era nosso objectivo aceder à forma como eles percepcionam o próprio contexto juvenil de que fazem parte, deduzindo da natureza deste olhar possíveis mecanismos de identificação social e eventuais traços de distintividade sociológica. Pela observação do quadro IV.35, é possível depreender com alguma nitidez, dada a sua expressão estatística, a (auto) identificação dos caminheiros com uma imagem de jovem genericamente decalcada do perfil de escuteiro, isto é, uma imagem associada a um conjunto de pré-disposições, de gostos e de formas de estar e sentir constitutivas do próprio espírito e *ethos* escutista. A eleição pela maioria dos inquiridos das imagens 8 (“gostar do ambiente e de proteger a natureza e os animais”), 3 (“gostar de desportos radicais e da aventura”), 12 (“ter nos amigos os maiores confidentes”) e 7 (“ser activista das grandes causas sociais e dos direitos humanos”) é significativamente reveladora do grau de interiorização dos valores e dos princípios do escutismo e, de uma forma muito particular, do modo os mesmos princípios estão presentes e activos no simples exercício de auto e hetero identificação dos caminheiros.

Interessa, entretanto, accionar um segundo olhar sobre outras imagens juvenis dominantes, que embora estejam estatisticamente situadas num plano secundário, não deixaram de representar, mesmo assim, mais de 50% de respostas. Deste conjunto de imagens eleitas ressalta agora uma tendência para a identificação com os traços mais genéricos caracterizadores da juventude, tais como o gosto pela música (imagem 2), pela competição desportiva (imagem 4), pela fruição nocturna (imagens 9 e 17). Parece-nos evidente que as tendências dos resultados obtidos revelam, num primeiro plano, a identificação dos caminheiros com uma imagem juvenil ancorada na matriz de referência escutista, não

deixando de partilhar, simultaneamente, alguns traços característicos da condição social da juventude.

Quadro IV.35
Opinião dos inquiridos sobre as imagens juvenis (n=406)

| Ser jovem é | SIM % | NÃO % | NS/NR % |
|--|----------|----------|------------|
| 1. Ser irreverente e contrariar o mundo dos adultos | 26,8 | 66,0 | 7,1 |
| 2. Gostar de música e assistir a espectáculos musicais | 63,8 | 30,8 | 5,4 |
| 3. Gostar dos desportos radicais e da aventura | 73,9 | 20,9 | 5,2 |
| 4. Ser desportista e gostar de competir | 60,6 | 32,8 | 6,7 |
| 5. Vestir calças de ganga e usar ténis | 30,5 | 62,6 | 6,9 |
| 6. Beber <i>Coca-Cola</i> e gostar de pizzas e hamburgers | 29,1 | 63,8 | 7,1 |
| 7. Ser activista das grandes causas sociais e dos direitos humanos | 67,5 | 26,1 | 6,4 |
| 8. Gostar do ambiente e de proteger a natureza e os animais | 77,3 | 17,2 | 5,4 |
| 9. Sair à noite para bares e discotecas | 55,9 | 37,2 | 6,9 |
| 10. Frequentar ambientes da cultura clássica (teatro, museus, exposições, música clássica) | 51,0 | 41,9 | 7,1 |
| 11. Vestir roupas de marcas conceituadas | 20,0 | 72,2 | 7,9 |
| 12. Ter nos amigos os maiores confidentes | 69,7 | 24,4 | 5,9 |
| 13. Adoptar um visual que o diferencie dos demais jovens | 29,8 | 62,1 | 8,1 |
| 14. De vez em quando pichar paredes, muros e outros equipamentos colectivos | 17,5 | 73,2 | 9,4 |
| 15. Navegar na <i>internet</i> e gostar das novas tecnologias de informação | 57,6 | 35,5 | 6,9 |
| 16. Consumir álcool e drogas leves | 19,0 | 73,2 | 7,9 |
| 17. Gostar de ambientes e músicas alternativas | 55,9 | 36,5 | 7,6 |
| 18. Dizer mal da escola e dos professores | 19,2 | 72,9 | 7,9 |
| 19. Gostar de motos e da alta velocidade | 25,6 | 66,5 | 7,9 |
| 20. Curtir ao máximo sem limite | 46,8 | 46,6 | 6,7 |
| 21. Outras imagens | 11,3 | 2,2 | 86,5 |

Uma análise das imagens juvenis rejeitadas por estes caminheiros, vem dar ainda mais força à ideia de que o movimento escutista constitui um contexto significativamente condicionador e estruturador dos sentidos da identidade juvenil. Senão vejamos: a recusa total de imagens juvenis que associam os jovens a comportamentos tidos como social, moral e

eticamente desviantes (cf. Imagens 14, 16, 11, 18, 19, 1), ou dito de outro modo, a negação inequívoca de uma imagem subversiva, irreverente e transgressora de juventude pode traduzir o grau de incorporação da ética e da moral escutista sugestivamente assente na prática diária da “boa acção”:

“O método principal do Escutismo é ministrar certa forma de educação positiva mais do que inculcar meramente preceitos negativos, visto que o rapaz está sempre mais pronto para *fazer*, do que para *digerir*. Por isso, incluímos nas suas actividades a prática de boas acções na vida diária como base de futura boa vontade e auxílio dos outros” (Baden-Powell, 1976; edição original de 1920; *italico* no original).

7.6. Atitudes face à religião

Como já tivemos oportunidade de esclarecer, o CNE constitui uma organização escutista nacional de inspiração cristã, tendo por isso explícito no seu nome o facto de se constituir como *escutismo católico português*. Na leitura dos seus estatutos, nomeadamente o artigo 2º, nº 1, constata-se que “o CNE afirma-se movimento da Igreja Católica”, tendo como fins (artigo 3º) “contribuir para a formação de cidadãos capazes de tomarem uma posição construtiva na sociedade, aptos a participarem na constante transformação do mundo à luz do Evangelho, segundo a doutrina católica”. Basta recordar que o CNE nasceu em 1923 pela mão do então arcebispo de Braga (D. Manuel Vieira de Matos) e do monsenhor Avelino Gonçalves, após assistirem em Roma, um ano antes, a um desfile de 20.000 escuteiros por altura da realização do Congresso Eucarístico Internacional (cf. Salgado, 1948) para se depreender a matriz inspiradora da organização mais representativa do escutismo português. Foi graças à protecção da Igreja Católica que o CNE conseguiu resistir às invectivas do Estado Novo na tentativa de dissolução

das organizações escutistas, com a preocupação de enquadrar toda a juventude portuguesa numa só organização — a Mocidade Portuguesa.²⁵

Para além deste exemplo concreto do CNE, o escutismo ao assentar o seu método numa base religiosa, bem explícita aliás na formulação dos seus *princípios* e no texto da *promessa*, e de forma implícita na *Lei do Escuta*, mais não fez do que dar sentido aos valores sustentados pelo fundador, muito particularmente ao instituir o dever do escuteiro em praticar diariamente uma boa acção, como forma de se educar servindo os outros²⁶. Tendo por base este quadro axiológico, o movimento escutista desenvolveu-se sem impor uma determinada crença religiosa, muito embora sustentasse que todo o escuteiro devia procurar o aprofundamento da sua relação para com Deus. A importância da crença em Deus para o escutismo é sintetizada por Baden-Powell (1976: 39) da seguinte forma:

“A prática do Escutismo é o meio pelo qual se podem despertar no maltrapilho mais completo pensamentos elevados e os princípios da crença em Deus; e, conjugada com a obrigação que o Escuta tem de praticar todos os dias uma Boa Acção, constitui a base dos deveres para com Deus e para com o próximo, sobre a qual o pai, ou o cura, pode erguer, com a maior facilidade, a forma de crença que se deseje”.

Retornando à actualidade e mais concretamente ao CNE, a importância que para nós assumiu os quadros seguintes, para além das razões intrínsecas ao movimento anteriormente aduzidas, prende-se

²⁵ Sobre as tensões entre a Igreja e o Estado Novo por causa do CNE, consultar Kuin (1993) e Pimentel (2001). Para uma cronologia dos primeiros 25 anos do CNE, onde aqui e ali se faz eco desta “questão escutista”, consultar Salgado (1948).

²⁶ Baden-Powell apercebeu-se claramente do alcance desta proposta, o que abriu a possibilidade de o escutismo se desenvolver independentemente da religião: “A base religiosa em que isto assenta é comum a todas as crenças, e por isso não contrariamos nenhuma delas” (Baden-Powell, 1926: 95).

essencialmente com a necessidade de confrontarmos as representações e as práticas religiosas dos inquiridos com os fundamentos do *ideal do caminheirismo* (o *homem novo*, como valor principal, e o *projecto das bem aventuranças*, como método a seguir) inscritos na metodologia pedagógica da IVª secção. E neste sentido, ao se procurar consolidar uma proposta simbólica para o caminheirismo, os responsáveis do CNE não podiam deixar de encontrar inspiração senão na matriz cristã. Como foi assinalado pela Divisão Pedagógica Nacional do CNE, em 1993,

“nós, cristãos, sabemos que o único valor perene é a novidade, não uma novidade qualquer, mas a novidade da Boa Nova anunciada por Cristo, a novidade radical das Bem-Aventuranças: ‘É o Espírito que torna novas todas as coisas...’. É esta, na sua essência, a proposta de ideal, que fazemos aos Caminheiros: tornarem-se artesãos de um mundo novo, forjando em si mesmos e nos outros uma nova mentalidade, aderindo a novos valores, para viver o presente construindo o amanhã” (CNE, 1993: 22).

No fundo, procurávamos compreender até que ponto a religiosidade dos escuteiros inquiridos constituía ou não um quadro de valores orientadores do quotidiano, ou não estivéssemos nós perante uma organização escutista fundada numa das instituições sociais mais estruturantes das racionalidades da sociedade ocidental. Com efeito, os dados observados no quadro IV.36 revelam-nos graus distintos de crença em Deus, onde se destaca um grupo de inquiridos (46,1%) que parece estar perfeitamente conotado com os princípios religiosos professados pela igreja (cf. item 1). Mas se para quase metade dos inquiridos a crença em Deus não constitui quaisquer motivos de questionamento, para outros, que representam cerca de um terço da amostra, tal crença é por vezes posta à prova face às dúvidas sobre a sua existência. Dos restantes enunciados que compõem a variável, merece algum destaque o facto de 12,1% dos caminheiros manifestarem a sua crença em Deus, muito embora não se identificando com a Igreja Católica. Em suma, no plano das crenças verbalizadas pelos inquiridos

parece não estar em causa um conflito com os valores constitutivos da proposta pedagógica do escutismo e nomeadamente da IV^a secção.

Quadro IV.36
Atitude perante Deus

| | n | % |
|--|-----|------|
| 1. Creio em Deus e tento que Ele esteja sempre presente em todos os aspectos da minha vida | 187 | 46,1 |
| 2. Creio em Deus, mas por vezes coloco em dúvida a sua existência | 129 | 31,8 |
| 3. Tento esforçar-me por crer em Deus, porque quero continuar no escutismo | 7 | 1,7 |
| 4. Não creio em Deus, mas participo nas actividades religiosas por ser escuteiro | 9 | 2,2 |
| 5. Não creio em Deus e talvez seja a razão para eu abandonar futuramente o escutismo | 2 | 0,5 |
| 6. Creio em Deus, mas não me identifico com a Igreja Católica | 49 | 12,1 |
| 7. Outra | 15 | 3,7 |
| Não sabe/ Não responde | 8 | 2,0 |
| TOTAL | 406 | 100 |

Quando convocámos para a reflexão o plano da prática ritualizada da Igreja Católica (cf. quadro IV.37), as respostas destes jovens tendem a dar-nos, contudo, uma visão algo diferente, pois se é certo que 52,4% cumpre pelo menos com o *mínimo* requerido a qualquer católico, isto é, assistir à missa dominical, por outro lado, cerca de 41% afirma só estar presente na eucaristia dominical de vez em quando ou quando as actividades escutistas assim o exigem. Não seria correcto da nossa parte ignorar os escuteiros que participam na missa de Domingo e inclusive comungam, pois constituem o grupo mais representado na tabela com uma percentagem superior a 35%.²⁷

²⁷

Apesar destes valores e de ser visível alguma fragmentação entre estes jovens no que respeita às práticas religiosas, no entanto, a realidade captada por investigações alargadas à escala nacional tende a diferir significativamente entre a juventude: "É indubitavelmente entre a juventude (18-30 anos) que aparecem os maiores contingentes de pessoas que se declaram como não religiosas ou mesmo ateias. Parece haver uma forte erosão do sentimento religioso na juventude, imputável a um certo défice de socialização religiosa primária durante a infância.

Quadro IV.37
Caracterização da prática religiosa

| | n | % |
|--|----------|----------|
| 1. Vou à missa diariamente e comungo | 4 | 1,0 |
| 2. Vou à missa diariamente mas não comungo | 1 | 0,2 |
| 3. Vou à missa ao Domingo e comungo | 143 | 35,2 |
| 4. Vou à missa ao Domingo mas não comungo | 65 | 16,0 |
| 5. Vou ocasionalmente à missa | 109 | 26,8 |
| 6. Vou apenas à missa nas actividades dos escuteiros | 57 | 14,0 |
| 7. Não vou à missa | 4 | 1,0 |
| 8. Outra | 14 | 3,4 |
| Não sabe/ Não responde | 9 | 2,2 |
| TOTAL | 406 | 100 |

Daqui se deduz estarmos em presença de alguma diversidade do ponto de vista das crenças religiosas, mas é no domínio das práticas ritualizadas da Igreja onde se nota uma maior dissonância com a moral e a ética cristãs. No entanto, tomando como válidas as respostas dos inquiridos, tende a prevalecer uma ideia dominante de reconhecimento da validade da base axiológica em que assenta o escutismo, não obstante se detectarem alguns segmentos aparentemente mais conotados com as práticas do escutismo do que propriamente com as bases religiosas em que ele assenta.

Para finalizar esta discussão em sede de religiosidade, não poderíamos deixar de indagar os caminheiros sobre a posição oficial da Igreja no domínio da sexualidade. Os dados proporcionados pelo quadro IV.38 são esmagadores, na medida em que esta dimensão parece gerar um consenso generalizado entre os inquiridos, pela discordância manifestada, o

A manter-se a situação, será de prever que tenda a crescer sensivelmente nos próximos anos a taxa de não confessionalidade e até da a-religiosidade, com uma relativa subida dos índices de ateísmo" (Fernandes, 2003: 187).

que se constitui, porventura, como um tema fracturante destes jovens em relação à moral católica.

Quadro IV.38
Concordância com a posição oficial da Igreja sobre a sexualidade

| | n | % |
|------------------------|-----|------|
| SIM | 52 | 12,8 |
| NÃO | 346 | 85,2 |
| Não sabe/ Não responde | 8 | 2,0 |
| TOTAL | 406 | 100 |

8. Os sentidos das práticas dos caminheiros

A questão sobre a qual nos debruçaremos a seguir assume uma relevância muito particular, não só porque constitui um dos pilares sobre o qual se estrutura o escutismo na actualidade, mas fundamentalmente porque nos traduz o quadro de valores em que o escuteiro se apoia para construir subjectivamente os sentidos da sua acção. Quando decidimos incorporar esta questão no inquérito por questionário, pretendíamos justamente identificar o modo como estes jovens vivenciavam a *Lei do Escuta* no quotidiano, procurando em certa medida aferir, embora grosseiramente, o grau de interiorização dos valores que lhes estão subjacentes. E isto tendo em conta a convicção da OMME de que

“pour les jeunes, la Loi et la Promesse sont l'expression même des valeurs du Scoutisme et la pierre angulaire de la méthode scout: il s'agit d'un engagement pris par chacun de son plein gré (la promesse scout), engagement à faire de son mieux pour se conforme à un code de conduite (la Loi scout)” (Bureau Mondial, 2000: 3).

Para além desta premissa genérica havia de compreender como é que estes jovens, pelo facto de serem caminheiros, interpretavam a Lei por referência ao seu quotidiano e ao quotidiano dos outros escuteiros, dado que, e na óptica de Baden-Powell (1974: 244), “a Lei dos Caminheiros é a mesma que a dos Exploradores, na forma como no sentido, mas tem de se olhar doutro ponto de observação – o do adulto”. Para o fundador do escutismo o caminheirismo encerrava uma especificidade que requeria dos jovens uma atitude distinta dos restantes escuteiros:

“A Lei do Escuta tem mais um artigo, o 11.º, que não é escrito, a saber: ‘O escuta não é parvo’. Mas creio que se dispensa na Lei do Caminheiro. Todavia, como tal, precisas de lembrar-te de que na passagem da mocidade para a idade adulta já não andas a aprender a cumprir a Lei do Escuta, mas estás a aproveitá-la para orientação da tua vida” (Ibid.: 247).

O desafio que se coloca à leitura da *Lei do Escuta* na actualidade não pode ignorar as contradições que se colocam à juventude na transição para a idade adulta. E neste ponto, aquela transição a que Baden-Powell se referia já não é possível conceber nas sociedades contemporâneas, já que àquela suposta linearidade se contrapõem percursos incertos de inserção social ou, se preferirmos, na óptica de Pais (2001), transições que ocorrem “nas estruturas labirínticas do quotidiano”. Também deste ponto de vista, a vivência da *Lei do Escuta* se torna hoje mais desafiadora.

Um primeiro olhar que emerge do quadro IV.39 é que todos os artigos da Lei parecem ter expressão significativa no dia-a-dia destes jovens, sobretudo quando a avaliação se processa de forma auto-centrada. Os caminheiros tendem, assim, a revelar um menor sentido auto-crítico quando se trata de pôr em confronto os valores expressos na Lei com as suas práticas quotidianas, mostrando-se, inversamente, mais exigentes com a avaliação que fazem da vivência da Lei pelos seus *pares*. Contudo, mesmo denotando-se esta discrepância, em nenhum dos 10 artigos (tanto da auto

como na hetero-avaliação) encontramos uma valorização inferior à média teórica da escala (2,5), pelo que se depreende a existência entre os caminheiros de uma representação positiva da vivência quotidiana da Lei do Escuta. Do ponto de vista do próprio, emerge com mais clareza uma adesão a valores como a lealdade (art.º 2), a amizade (art.º 4), a honra (art.º 1) e o ambiente (art.º 6), ordem esta que não se mantém quando se perspectivam os outros escuteiros, reconhecendo-se para estes primeiramente a amizade (art.º 4), a alegria (art.º 8), a honra (art.º 1) e lealdade (art.º 2). Isto é, para o próprio tende-se a valorizar aqueles valores mais intrínsecas da personalidade do escuteiro, enquanto para os outros parece sobressair uma valorização mais extrínseca da interacção escutista. Olhando pela óptica dos valores menos considerados no quotidiano, quer em relação ao próprio quer em relação ao outros, constata-se serem mesmo os artigos da Lei, em idêntica sequência (alternando em relação aos outros o art.º 7 e o art.º 3), concretamente: pureza / sinceridade (art.º 10), a obediência (art.º 7), *fazer o bem* (art.º 3) e a sobriedade / respeito (art.º 9). Se em relação aos mais valorizados julgamos não existirem razões para relativizarmos o suposto *espírito escutista*, embora possamos sublinhar, na esteira do fundador, uma predisposição para um "civismo passivo"; por sua vez, tomando os artigos menos presentes no quotidiano dos caminheiros, estranhámos encontrar o art.º 3 (*o escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção*)²⁸ entre estes, já que "one of the fascinating features of Robert Baden-Powell's scheme is the centrality accorded to 'doing good'" (Smith, 1997; 2002). Em relação aos

28

Durante o ano de 2003 a *Flor de Lis* (órgão oficial do CNE, que vai no LXXIXº ano de vida) dedicou alguma atenção aos artigos da Lei do Escuta, publicando reflexões pessoais a propósito de cada um deles. Em relação ao art.º 3, uma escuteira (dirigente) autodenominada *Pantera-Ligeira*, sobre o "ser útil hoje", colocou a questão nestes termos: "E 'praticar diariamente uma boa acção'? Difícil?! Parece-me que não! Se tivermos a coragem de sair da nossa 'casca' e passarmos a ser verdadeiramente úteis, quando chegar o fim do dia não teremos feito uma boa acção, teremos feito inúmeras! Cada vez que somos úteis, praticamos uma B-A [boa acção]. Para quem está de fora do movimento escutista, a B-A é a nossa 'imagem de marca'. É na nossa maneira de estar com os outros, na disponibilidade para os outros, nas B-A que fazemos, que as pessoas nos reconhecem como escuteiros. E isto é também uma grande responsabilidade" (cf. *Flor de Lis*, nº 1116, Março de 2003, p. 4; aspas no original)

restantes artigos menos *actualizados* no quotidiano, a leitura que daqui extrairmos tende a sugerir a existência de algumas tensões latentes que emergem do confronto com algumas dimensões mais presentes nas sociedades ocidentais, nomeadamente a atitude face à sexualidade (art.º 10), a integração na esfera do consumo (art.º 9) e o sentido da disciplinação (art.º 7), tão caro ao fundador, e que aqui podemos interpretar associando a menor influência que algumas instituições sociais exercem na regulação dos comportamentos juvenis. Não convém terminar esta análise sem deixar claro, tal como iniciamos, que esta *consciência reflexiva* dos jovens caminheiros parece não abalar esta estrutura de referenciação do escutismo, até porque, no global, os sentidos de resposta dos inquiridos tendem a reflectir uma imagem de escuteiro perfeitamente enquadrado no sistema de valores do movimento. Como é óbvio não esperaríamos ver decalcado com exactidão o *ideal-tipo* de escuteiro preconizado por Baden-Powell.

Quadro IV.39
Presença dos artigos da LEI DO ESCUTA nas práticas do dia-a-dia
 (5=Presença total; 1=Ausência total)

| No meu dia-a-dia (Média) | LEI DO ESCUTA | No dia-a-dia dos outros escuteiros (Média) |
|--------------------------|---|--|
| 4,11 | 1. A honra do escuta inspira confiança | 3,64 |
| 4,15 | 2. O escuta é leal | 3,54 |
| 3,46 | 3. O escuta é útil e pratica diariamente uma boa acção | 3,17 |
| 4,10 | 4. O escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros escutas | 3,83 |
| 3,96 | 5. O escuta é delicado e respeitador | 3,47 |
| 4,02 | 6. O escuta protege as plantas e os animais | 3,54 |
| 3,42 | 7. O escuta é obediente | 3,18 |
| 3,79 | 8. O escuta tem sempre boa disposição de espírito | 3,78 |
| 3,71 | 9. O escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio | 3,32 |
| 3,17 | 10. O escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções | 2,99 |

Tendo já reproduzido a ideia de que "o escutismo está fundado sobre um sistema de valores" (Bureau Mondiale, 2000: 3), a análise das questões

seguintes pretende apreender alguns sentidos das práticas quotidianas dos caminheiros, concretamente em relação à sua participação no *espaço doméstico*, já que o debate sobre o quadro axiológico do movimento exige que se contemple igualmente uma reflexão sobre os *princípios* em que assenta o escutismo. Consultando o Regulamento do CNE, no art.º 3 nº 1, encontramos estes princípios com a seguinte redação:

"1. O Escuta orgulha-se da sua Fé e por ela orienta toda a sua vida. 2. O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão. 3. O dever do Escuta começa em casa."²⁹

Reproduzindo os princípios que estão consagrados na Constituição da OMME, esta organização nacional, em conformidade, sublinha também os "deveres" que lhes estão associados: "deveres para com Deus", "deveres para com os outros" e "deveres para consigo mesmo" (cf. Regulamento Geral do CNE). Ou então, de acordo com um texto já citado (Bureau Mondiale, 1999: 3) "ces principes portent sur un engagement personnel, actif et constructif, par rapport à les valeurs spirituelles, sociales et personnelles".

Face ao texto produzido até aqui neste capítulo, não julgamos necessário, na continuação, avolumar a reflexão no que se refere aos dois primeiros princípios. Se o "dever do escuta começa em casa", então mais pertinente se torna considerarmos os dados dos quadros IV.40 e IV.41, sendo o primeiro relativo ao grau de envolvimento participativo no seio da família e o segundo respeitante à frequência com que os inquiridos participam num leque de actividades domésticas. Assim, a participação destes jovens no seio da família tende a caracterizar-se por um envolvimento *activo* (57,9%) ou *muito activo* (26,4%), o que aliás condiz com a *ética* escutista e com o diagnóstico da acção proporcionado com a leitura destes

²⁹Cf. Regulamento Geral do CNE, acessível em www.cne-escutismo.pt/cne_regulamentos.html.

dados empíricos. Todavia, os cerca de 15% que agrupam as outras modalidades de envolvimento na família, de sentido não participativo, fazem parte, porventura, de um segmento de inquiridos que vem revelando na nossa análise uma menor conformidade com os valores do escutismo. E neste caso uma tendência para a *não-participação*³⁰ no seio da família pode significar, em última instância, uma *dessignificação* em relação ao terceiro princípio e concomitantemente ao escutismo, ou então, voltando atrás, revelar-se como expressão do já discutido "civismo passivo".

Quadro IV.40
Participação no seio da família

| | n | % |
|-----------------------|-----|------|
| 1. Muito activa | 107 | 26,4 |
| 2. Activa | 235 | 57,9 |
| 3. Reservada | 38 | 9,4 |
| 4. Passiva | 11 | 2,7 |
| 5. Muito passiva | 4 | 1,0 |
| Não sabe/Não responde | 11 | 2,7 |
| TOTAL | 406 | 100 |

No que concerne ao quadro IV.41, impõe-se, antes de qualquer leitura, avançar com algumas reservas em relação ao modo como foi operacionalizada a variável, nomeadamente no que respeita às modalidades de resposta sugeridas aos inquiridos — referimo-nos sobretudo à modalidade "as vezes", pois dada a sua relativa abrangência permitiu concentrar um número elevado de respostas nalgumas dimensões características do espaço doméstico. Além disso, entre estas dimensões constam algumas que não pressupõem a realização e/ou participação

30

Para uma análise mais aprofundada dos sentidos da participação e da não-participação, consultar Lima (1992), pp. 176 e segs.

diárias, pelo que se compreende a referida tendência da resposta na modalidade "às vezes". Mesmo assim e dadas estas relativizações, decidimos manter o quadro, quanto mais não seja para entender os sentidos conferidos ao envolvimento participativo debatido no quadro anterior. A compreensão destas respostas e designadamente do que se considera como participação activa, talvez nos remeta para as configurações (culturais) das esferas familiares e para os modelos de socialização implícitos, uma vez que a simples alteração do *modus operandi* numa qualquer actividade do quotidiano doméstico pode constituir não só uma ruptura com o instituído, como se traduzir num acréscimo significativo da ilusão participativa. Admitindo-se que a participação vai muito para além desta ilusão, aliás não compaginável com a racionalidade escutista, até porque as dinâmicas do quotidiano tendem a deslocar os jovens actuais para outras instituições e contextos mais absorventes do ponto de vista temporal, arredando-os, por consequência, do espaço doméstico; assim como, recordemos, estamos em presença de um número considerável de escuteiros deslocados da sua residência habitual para estudarem no ensino superior; por estes factores, talvez se compreenda o peso da modalidade "às vezes", e neste sentido, talvez possamos entender a relevância destas respostas à luz do lema do escutismo que é "Be prepared". Sem mais delongas, gostaríamos de relevar a dimensão "conversar, dialogar, sobre o dia-a-dia" como uma das mais frequentes, o que desde logo nos pode indiciar a importância atrás sublinhada da esfera familiar nos vários domínios do desenvolvimento do escuteiro, para além de nos comprovar a ideia de *democratização da família*, como uma das *revoluções* das sociedades contemporâneas, avançada, entre outros autores, por Pais (1998). Acudindo a esta ideia, poderíamos sinalizar também as dimensões "participação na tomada de decisões familiares" e "conviver, passear, sair com os familiares", o que não deixa de merecer atenção quando muito senso-comum sociológico tende a opôr estas *gerações* no capítulo das

racionalidades e práticas. Será isto uma especificidade dos jovens escuteiros?

Quadro IV.41
Frequência da participação no espaço doméstico do agregado familiar
(n=406)

| | Diariamente | Às vezes | Nunca | NS/NR |
|--|-------------|----------|-------|-------|
| | % | % | % | % |
| 1. Arrumação do quarto pessoal | 53,0 | 42,1 | 2,7 | 2,2 |
| 2. Cozinhar e arrumar a cozinha | 26,1 | 63,3 | 8,1 | 2,5 |
| 3. Limpezas domésticas várias | 14,5 | 73,4 | 9,1 | 3,0 |
| 4. Participação na tomada de decisões familiares | 33,3 | 60,1 | 3,7 | 3,0 |
| 5. Contribuir economicamente para o rendimento familiar | 8,6 | 25,1 | 63,3 | 3,0 |
| 6. Ir às compras ao supermercado, talho, mercearia, ... | 19,0 | 72,4 | 5,9 | 2,7 |
| 7. Cuidar dos filhos – se os tiver | 1,2 | 6,4 | 51,0 | 41,4 |
| 8. Cuidar de familiares (idosos, doentes, irmãos mais novos) | 12,6 | 39,4 | 35,2 | 12,8 |
| 9. Executar consertos / reparações domésticas | 11,1 | 66,0 | 19,2 | 3,7 |
| 10. Conviver, passear, sair com os familiares | 22,4 | 74,1 | 1,0 | 2,5 |
| 11. Visitar outros familiares | 14,8 | 81,5 | 1,2 | 2,5 |
| 12. Conversar, dialogar, sobre o dia-a-dia | 60,3 | 36,2 | 1,2 | 2,2 |
| 13. Outro | – | 0,5 | 0,2 | 99,3 |

A derradeira questão do nosso inquérito por questionário pretendia aferir se os caminheiros pertenciam a outras associações para além do CNE. Uma primeira impressão decorrente da observação do quadro IV.42 revela-nos que mais de um terço dos inquiridos respondeu afirmativamente, o que por si só já nos indicaria níveis de activismo e participação sociais bastante consideráveis. Não esquecendo que todos os caminheiros já são membros efectivos de uma associação escutista, o facto de constataremos outras filiações associativas revestir-se-ia de alguma importância para a nossa reflexão, porque significaria que estes jovens estariam propensos a uma diversidade de experiências em distintos contextos sociais, em última

instância também eles significativos para a construção da sua subjectividade.

Quadro IV.42
Pertença a outra associação para além do escutismo

| | n | % |
|------------------------|-----|------|
| SIM | 139 | 34,2 |
| NÃO | 259 | 63,8 |
| Não sabe/ Não responde | 8 | 2,0 |

Não ficando apenas no laconismo desta questão, quisémos indagar qual ou quais a(s) associação(ões) os inquiridos se referiam quando responderam afirmativamente à questão anterior. O quadro IV.43 sintetiza o teor das respostas redigidas no inquérito em sede de questão aberta, muito embora não constitua uma tentativa de construção de uma tipologia das associações de pertença, já que no quadro se mistura uma variedade de categorias que não exprimem a mesma lógica agregadora. Assim, daqui resulta um entendimento de associação que para muitos caminheiros se tende a identificar com o domínio das práticas de lazer e de tempos-livres e nalguns casos chega mesmo a confundir-se com formas de participação individualizadas e independentes de quaisquer enquadramentos colectivos. Se é certo que aquelas práticas tendem a encontrar nas associações o contexto favorável à sua ocorrência, levando frequentemente muitos dos jovens a uma filiação "compulsiva" para poderem praticar desporto, por exemplo, pelo que se compreende, em parte, esta identificação; não menos verdade, porém, é que estes jovens parecem revelar uma concepção mais informal de associação, mais fluída e, porventura, mais distante do modelo tradicional e das lógicas deste tipo de organização. Para além do tópico relativo à "prática desportiva e de manutenção física", que foi referido por 41 dos inquiridos, referimo-nos igualmente às referências que agrupámos sob a designação genérica de "movimentos, grupos e actividades ligadas à

Igreja", onde incluímos, por exemplo, ser catequista, servir de acólito, cantar no coro da Igreja, participar em grupos de jovens, entre outros. Também nesta linha de raciocínio, encontrámos o tópico 7, relativo à participação no universo das associações de estudantes (do ensino superior), sobretudo em actividades desportivas e no âmbito das tunas e grupos corais universitários.

Quadro IV.43
Nº de referências a associações e/ou a práticas em espaços associativos

| | n | % |
|--|-----|-------|
| 1. Associações/ Clubes desportivos | 14 | 8,3 |
| 2. Prática desportiva e de manutenção física | 41 | 24,4 |
| 3. Associações Culturais, Artísticas, Recreativas | 25 | 14,9 |
| 4. Associações/ Clubes Ambientalistas e de ar livre | 12 | 7,1 |
| 5. Movimentos, grupos e actividades ligadas à Igreja | 14 | 8,3 |
| 6. Juventudes Políticas/ Partidárias | 9 | 5,4 |
| 7. Associações estudantes e actividades no âmbito académico (desportivas, culturais, coros/ tunas, etc.) | 30 | 17,9 |
| 8. Associações/ organizações de intervenção social | 7 | 4,2 |
| 9. Grupos/ associações de Jovens (indefinidos) | 16 | 9,5 |
| TOTAL | 168 | 100,0 |

Entretanto, não seria correcto da nossa parte não evidenciar outras realidades propiciadas pela análise do quadro em questão. No fundo, ele traduz a coexistência de várias representações de associação configuradas nas ideias de prática e de pertença, na conjugação de distintos modelos associativos e na sedimentação de novos interesses agregadores. Enfim, apesar da maioria dos inquiridos circunscrever a sua participação associativa ao movimento escutista, no entanto, para um grupo considerável de jovens constata-se a diversificação de experiências onde prevalecem as lógicas colectivas de acção e nalguns casos tende-se mesmo a afirmar a adesão a algumas de formas de expressão culturais e simbólicas que à primeira vista parecem não estar em consonância com os gostos mais

frequentemente atribuídos à juventude — como por exemplo a pertença a ranchos folclóricos e a pertença a associações mais vocacionadas para a salvaguarda da cultura e do património locais (incluídos no tópico 3).